



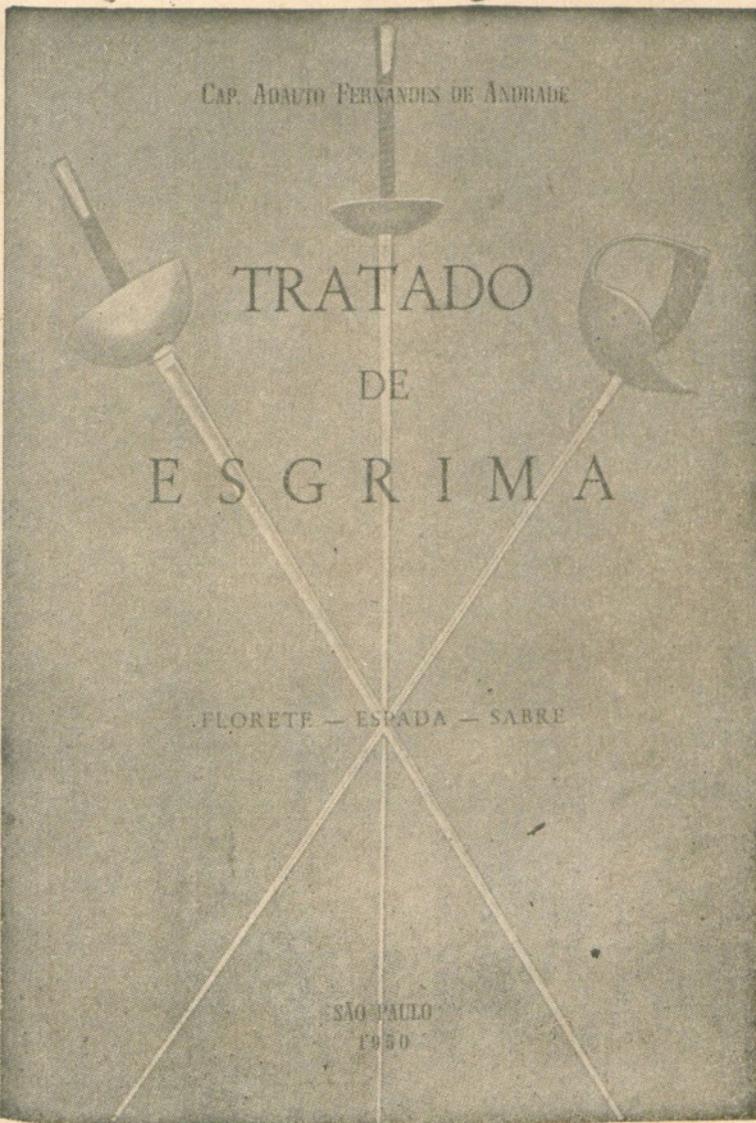
# MILITIA

NO. 33 — ANNO XII — LUGLIO/AGOSTO — 1929

# SUMÁRIO

NOSSA CAPA .....	66
EDITORIAL .....	5
DIVERSOS	
Farroupilhas e Caramurus — Valter Spalding .....	6
Homenagem a um Paisano — 1.º ten. Sinésio Pontes .....	12
O Brasil Precisa de Físicos — prof. Hans Peter Heilmann .....	14
A Epopéia de 32 que eu Vivi — dra. M. Helena Braga Monte Serrat .....	16
Saudação aos Heróis de 32 — cabo Tereziano de Oliveira .....	19
Polícias Militares — 1.º ten. João Aldo Danesi .....	20
Meu Tipo Esquecível — cap. Plínio D. Monteiro .....	22
De Flautim a Porta-Bandeira via Bombardino — maj. O. de O. Pimentel .....	24
Por um Instituto de Estudos Orientais — prof. Paulo Henrique .....	38
Castelos — poema do cap. Mateus F. de Moura .....	41
Prevenção Contra Fogo — cap. Samuel Rubens Armond .....	42
NOTICIÁRIO	
Em Visita ao Brasil o 1.º Ministro do Japão .....	26
Três Personagens: o Médico Companheiro do Ten. J.K. de Oliveira, a Folclorista, o Escritor Português .....	29
A Força no Combate ao Cancro Cítrico — cap. Sérgio Vilela Monteiro .....	35
Tomaram Mais Dois Bombeiros no Desempenho de Suas Funções .....	44
SEÇÕES	
No Mundo das Letras .....	40
Destaques da Força Pública .....	54
O Brasil em Dois Meses .....	56
O Bimestre no Mundo .....	58
Educação Física e Esportes .....	60
Palavras Cruzadas — cap. Plínio D. Monteiro .....	66
NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS	
Bahia .....	46
Distrito Federal .....	47
Minas Gerais .....	48
Pernambuco .....	49
Rio Grande do Norte .....	51

CAP. ADAUTO FERNANDES DE ANDRADE



TRATADO  
DE  
ESGRIMA

FLORETE — ESPADA — SABRE

SÃO PAULO  
1950

# Charadista!

# Cruzadista!

*Acha-se à venda o ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO”, de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).*

*Obra de grande valor para charadistas e cruzadistas, com um suplemento contendo alfabetos, música, noções sôbre cabala e sinais diversos empregados pelos apreciadores da arte enigmística.*

*O “ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO” é a condensação de tôdas as definições e sinônimos dos termos monossilábicos encontrados na totalidade dos dicionários adotados nas seções de palavras cruzadas e de charadas das publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compôr e decifrar charadas, enígmás desenhados e palavras cruzadas.*



*Pedidos pelo reembolso postal, à gerência de MILITIA — rua Alfredo Maia, 106 — SÃO PAULO — BRASIL.*

**E**NFRENTANDO todos os obstáculos, milicianos do Brasil voltaram a reunir-se em conclave do tipo do realizado em Campos do Jordão em 1954. Foi o II Congresso Brasileiro das Polícias Militares, efetuado de 21 a 25 de agosto findo, em São Vicente, por iniciativa do Clube dos Oficiais da Força Pública. Em virtude de interesses escusos, o anteprojeto de lei básica elaborado no I Congresso não chegou a ser transformado em lei. A família policial-militar, porém, não esmoreceu e voltou a reunir-se, para apresentar novamente aquêl anteprojeto, com a atualização necessária depois de cinco anos. Ao memorável certame dedicamos número especial de MILITIA, fora das edições normais.

Através do noticiário contido aquelas páginas, o leitor verificou a luta em que se empenham os policiais-militares brasileiros, em defesa dos interesses do público. Viu como, não só oficiais, mas também subtenentes e sargentos, cabos e soldados, trabalharam ininterruptamente, durante cinco dias, sem quebra dos preceitos disciplinares, todos em busca de um mesmo objetivo: melhor servir ao povo que mantém as diferentes corporações.

Milhares de mantenedores da ordem — do norte e do sul, do leste e do oeste — impõem-se ao país inteiro, reivindicando uma organização policial à altura das atuais necessidades brasileiras. No Congresso de São Vicente, discutiram com o vigor fortalecido e reforçados pelo apoio decidido das praças, elaboraram o documento que deverá tornar-se o diploma legal destinado a dar uma orientação geral às diversas corporações, para segurança do povo.

Agora, terminado o Congresso, a luta continua. Os milicianos confiam na atuação do Legislativo federal e no governo da República, para os quais voltam seus olhos vigilantes. Sem deixar de lado o trabalho diuturno pela segurança pública, não se esquecem, todavia, de estar atentos aos acontecimentos que abalam o país presentemente, nem esquecerão a necessidade inadiável da lei básica, para substituir a lei 192, de 1936, há muito superada.

Os componentes da Força Pública do Estado de São Paulo sentem-se animados pela atitude decisiva de seus companheiros de outros Estados e do Distrito Federal que, prontamente, atenderam ao apêlo feito. Os dois congressos demonstraram cabalmente a disposição de todos os milicianos, sempre prontos a atender ao toque de reunir, quando e onde se faça necessária sua presença. 

# Farroupilhas e Caramurus

(A Brasilidade dos Farroupilhas)

Walter Spalding

Com o alvorecer do século XIX, surge o caudilhismo no Prata. E o Rio Grande do Sul, que sempre prestou à metrópole os mais assinalados serviços na guarda e conservação dos meridionais da terra, viu-se, mais uma vez, envolvido em duras lutas com a agravante de se tornar centro militar, verdadeira estalagem, o que ainda piorou a situação do povo gaúcho que, afinal, chegou ao auge com a campanha de que resultou o combate do Passo do Rosário com a morte do bravo gen. José Abreu e a independência do Uruguai.

Mas, além de tudo, o que mais magoava o nobre povo, que sempre viveu de armas às costas, eram as preterições, o menosprezo, o desleixo do centro com relação ao extremo sul fronteirista.

Juntam-se a tudo isso os peditórios da Corte, principalmente depois da independência do Brasil e as leis que não permitiam idéias de aversão da gente rio-grandense do sul para com os governantes, sobretudo para com o imperador, aversão que cresceu quando a São Paulo foram perdoadas as dívidas enquanto que ao Rio Grande do Sul o pagamento não apenas foi exigido integralmente, como ainda tiraram de suas rendas para auxiliar em momento difícil ao nobre povo bandeirante. O sul-rio-grandense a isso não se opunha mas perguntava: — For que somente ao Rio Grande se pede e não se perdoa nada? E a luta se foi tramando, lenta mas vigorosamente, e no mais rigoroso silêncio. Exercitava-se, assim, o liberalismo gaúcho e brasileiro.

O Sete de Abril foi a primeira vitória que o Rio Grande festejou com grande entusiasmo. Outra foi a do Ato Adicional, combatido pelos chamados "restauradores", "partido português" e "saudosistas" que pretendiam a volta de D. Pedro I.

Regência, verdadeira experiência republicana, embora trabalhase com interesse pelo bem do país, deixou-se, de certo modo, envolver pelos "retrógrados" como também denominavam os restauradores saudosistas. E foi então que o Rio Grande do Sul explodiu na mais violenta guerra civil de que há notícia nos anais da História do Brasil — a Revolução Farroupilha.

Quando se instalou a Assembléa Geral e Legislativa do Rio Grande do Sul, em 1834, já partidos se haviam nitidamente estabelecido: o Liberal depois denominado Farroupilha, e o Conservador, classificado de Caramuru.

Quando o movimento atingiu o auge com as perseguições políticas e destituições de chefes militares de incontestável popularidade, governava a província o dr. Rodrigues Braga que, começando muito bem e a contento, deixou-se, afinal, dominar pelo irmão, dr. Pedro Rodrigues Chaves, chefe político "conservador" e iniciou violenta fase de perseguições.

A 20 de abril de 1835 foi instalada a Assembléa Legislativa Provincial. Na sessão inaugural, o dr. Rodrigues Braga, presidente da Província, na sua fala, abre as baterias contra os liberais e denuncia diversos deles como comprometidos num ato anti-patriótico: a entrega do Rio Grande aos caudilhos uruguaios. Houve protestos e o presidente nada conseguiu provar, mas continuou sua política de perseguições.

Encerrada à Assembléa a 30 de junho do mesmo ano, em sua primeira legislatura, dentro dela, entretanto, se havia formado o espírito revolucionário e planejado que pouco mais tarde, na segunda legislatura da Assembléa, explodiria dominando toda a Província em menos de 48 horas.

Bento Gonçalves, de todos o mais visado, solicitou, então licença para retirar-se, em férias, para o estrangeiro. Declarou que iria passar uma temporada em Entre-Rios, na Rep. Argentina. Entretanto, não se afastou do Rio Grande e com os amigos e próceres políticos — os Fontouras, de Cachoeira; os Amarais, de Rio Pardo; José Gomes de Vasconcelos Jardim e Onofre Pires da Silveira Canto, nas proximidades de Porto Alegre (Viamão e Pedras Brancas), e outros muitos pela fronteira toda — tratou com segurança o levante, estabelecendo o primeiro quartel general nas Pedras Brancas, junto ao hospital de José Gomes de Vasconcelos Jardim.

E assim, na noite de 18, atravessava Gomes Jardim o Gualba com sua gente para reunir-se à de Onofre Pires que vinha de Viamão. A junção se fez no Alto da Azenha (onde está localizado, hoje, o cemitério), e na madrugada de 20 de setembro de 1835 os dois chefes iniciaram o ataque à cidade, pondo em fuga os defensores que, aliás, foram quase apanhados de surpresa e tanto mais que, tendo o governador solicitado o auxílio do 8.º B.C., comandado pelo major João Manoel de Lima e Silva (tio do futuro Duque de Caxias), este armado e municiado, saiu do quartel indo incorporar-se às hostes rebeldes que lentamente, vinham entrando na cidade de Porto Alegre.

Apò clarear do dia entraram as forças revolucionárias sem um tiro, tomando conta da capital, e no dia 21 era solenemente recebido o ainda então coronel Bento Gonçalves da Silva, que logo assumiu o comando do movimento. A Presidência da província foi entregue ao 4.º vice, o médico dr. Marciano Pereira Ribeiro e a 25, vendo Bento Gonçalves que todo o Rio Grande do Sul estava em seu poder e em paz, proclamou ao povo rio-grandense, explicando os motivos da revolução, e, ao mesmo tempo se dirigiu à Regência solicitando novo presidente para a província, mas que fosse, dizia, um homem de bem e amigo do Rio Grande.

A Regência enviou, na realidade, um grande cidadão, filho da terra, sábio e diplomata notável — o dr. José de Ara-

újo Ribeiro. Entretanto, trazia o dr. Ribeiro ordens secretas e, apesar de grande diplomata, era péssimo político e, por um ato verdadeiramente impensado, casando o "exequator" ao consul hamburguês somente por este ter aconselhado aos colonos alemães nas questões que se estavam dando, exaltou os ânimos o que fez com que Araújo Ribeiro tornasse posse do governo fora da capital, perante a Câmara do Rio Grande, em flagrante desrespeito às leis. Contudo, serenada a questão, a Assembléa o convidou para ratificar sua posse em Porto Alegre. Nega-se Araújo Ribeiro e a guerra, em consequência, continuou e continuou principalmente porque, negando-se, ao mesmo tempo tendo conseguido a adesão do general Bento Manoel Ribeiro, fez com que este marchasse contra Porto Alegre e desalojasse os revolucionários o que, na realidade foi conseguido a 15 de junho de 1836.

Após o primeiro cerco, ao voltar para a campanha, Bento Gonçalves com seu exército teve que atravessar o rio Jacuí, na altura de Triunfo. Por aquéle caminho iria jutar-se aos demais companheiros para dar mais amplo impulso ao movimento. Entretanto, numa manobra infeliz foi cercado na passagem que escolhera e que, na realidade, era excelente, pois que o Jacuí, naquele ponto, tinha, no meio, a grande ilha do Fanfa.

Os legais, — caramurus, — desconfiando da manobra do chefe revolucionário, seguiram-no por terra ao mesmo tempo que enviaram o chefe Grenfell com algumas embarcações armadas em guerra por água. Estas conseguiram esconder-se nas barrancas do rio, abaixo da ilha, e quando Bento Gonçalves iniciou a travessia para a ilha onde seguiria, cruzando o canal, para a outra banda em busca de companheiros, Grenfell o ataca numa operação conjunta com as forças de terra comandadas por Bento Manoel Ribeiro e Andrade Neves Assim, completamente ilhado, e crendo nas palavras do comandante legal, Bento Manoel, seu antigo companheiro na arrancada de 20 de setembro, entregou-se prisioneiro com todo o estado maior, de-

pois de lutar quase três dias, a 4 de outubro de 1836.

Enquanto tal acontecia, no sul o general Antônio de Souza Neto empregava o melhor de seus esforços no sentido de dominar a situação.

Em setembro conseguira encontrar as forças do legalista gen. Silva Tavares e, em renhido recontro, derrotou-o nos campos do Seival a 11 de setembro de 1836. Bento Gonçalves sabia das intenções do gen. Neto, que pretendia destruir o maior e melhor chefe caramuru. Por isso foi que executou aquela manobra do Jacuí que tão caro lhe custou, não ainda, porém, que Neto já havia batido o chefe inimigo.

Assim, foi Bento Gonçalves preso sem ter conhecimento do combate do Seival e da proclamação de Neto.

Realmente, batido Silva Tavares, Antônio de Sousa Neto, influenciado por Joaquim Pedro Soares e Lucas de Oliveira, republicanos de velha ténpera, resolveu, no dia seguinte ao do combate, isto é, a 11 de setembro, proclamar a República Rio Grandense, independente, mas disposta a unir-se a todas as províncias brasileiras que aceitassem o sistema republicano.

No dia 12 reuniram-se os oficiais revolucionários que unanimemente aceitaram a proclamação do general Neto, sendo em seguida pela Câmara Municipal de Jaguarão que, ao mesmo tempo, propôs fosse Bento Gonçalves aclamado presidente da República, embora estivesse preso e ignorando os acontecimentos.

Depois do combate da ilha do Fanfa, Bento Gonçalves foi remetido para Porto Alegre e daí para a fortaleza da Lage, no Rio de Janeiro, e em seguida para o fortim de São Marcelo e Nossa Senhora do Pópulo, na Bahia, de onde conseguiu fugir pouco depois. Aliás, a estada de Bento Gonçalves no forte de São Marcelo na Bahia de Todos os Santos, foi simples acidente de viagem, pois sua prisão era Fernando Noronha. Estragando-se, porém, a máquina do navio, teve que fazer alto em Salvador, onde os amigos, tendo à frente a Maçonaria e o dr. Sabino, em meia dúzia de dias o libertaram...

Proclamada a República com o apoio de toda a oficialidade farroupilha, dirigiram-se os chefes para Piratini, cuja Câmara também aplaudira a iniciativa, fazendo ali a sede do governo da República do Rio Grandense. A 6 de novembro do mesmo ano foi oficialmente eleito presidente da nova República o gen. Bento Gonçalves da Silva e, para exercer o mandato, em seu impedimento, o já idoso idealista José Gomes de Vasconcelos Jardim, e vice-presidente Antônio Paulo da Fontoura, mais conhecido por Paulino da Fontoura.

Ficou, assim, definitivamente instalada em Piratini, elevada a capital, a sede do Governo da República Rio Grandense, com seu Ministério do qual faziam parte um carioca (gen. José Maria de Matos), um mineiro (Domingos José de Almeida) e um descendente de paulistas (José Pinheiro de Ulhoa Cintra).

Em setembro de 1837 Bento Gonçalves conseguiu fugir da Bahia, chegando de regresso ao Rio Grande do Sul em princípios de novembro. Em seguida tomou posse do cargo para que fora eleito, continuando, dessarte, com intensidade a revolução, já tendo novamente de seu lado a espada de Bento Manoel Ribeiro que tendo-se desavindo com o presidente imperial Antero José Ferreira de Brito que aprisionara, resolveu reingressar nas hostes farroupilhas para delas novamente retirar-se em 1839 e servir ao império sob as ordens de Caxias a partir de 1842.

Em 1838, a 30 de abril, numa ação conjunta conseguem os Farroupilhas tomar Rio Pardo, que se tornara baluarte legalista. Aí foi escrita a letra e a música da República Rio Grandense, que desde 1836 já possuía bandeira e brasão.

O principal e, quiçá, maior feito de 1839, foi a invasão de Santa Catarina, onde o gen. Davi Canabarro, em ação conjunta com o italiano a serviço do Rio Grande desde 1837, José Garibaldi, conseguiu tomar a cidade de Laguna, indo até Lajes e estabelecendo ali a República Juliana. Em dezembro, entretanto, estava desfeita a República, pois a falta de apoio do povo catarinense e, sobretudo-

do, da região paulista e que seria mais tarde a província do Paraná, obrigaram os farroupilhas a se retirarem ao Rio Grande onde a luta prosseguiu e continuaria até a pacificação, a 1.º de março de 1845.

A 1.º de dezembro de 1842 foi instalada em Alegrete, então capital da República Rio Grandense, a Assembléa Geral Legislativa e Constituinte. A 3 de fevereiro de 1843 ficou pronto o projeto da Constituição da República, que trazia as assinaturas de José Pinheiro de Ulhoa Cintra, Francisco de Sá Brito, José Mariano de Matos, Serafim dos Anjos França e Domingos José de Almeida. Alegrete foi a terceira e última capital da República Rio Grandense, que de Piratini tivera que mudar-se para Capava e daí para a então vila Alegrete, onde sérios acontecimentos políticos de certo modo dividiram a opinião, formando-se dois partidos rivais e inimigos. Essa inglória campanha política teve como resultado, além do enfraquecimento das forças republicanas, o duelo entre Bento Gonçalves da Silva e seu antigo grande amigo e companheiro de tantas horas Onofre Pires da Silveira Canto, do qual resultou a morte deste. Em consequência, Bento Gonçalves despediu-se de todas as prerrogativas de presidente e comandante em chefe das forças, passando a presidência ao velho José Gomes de Vasconcelos Jardim e a chefia das armas ao gen. Davi Canabarro. O vice-presidente Antônio Paulo da Fontoura havia sido assassinado, em virtude de questões femininas, em Alegrete, sendo porém aproveitado para mais achar os ódios políticos de então.

Já nessa época os destinos da República Rio Grandense estavam definidos e as manifestações pacifistas começaram a movimentar a opinião geral, aproveitando a imensa boa vontade e a diplomacia do grande Duque de Caxias que me dezembro de 1842 havia assumido a Presidência do Rio Grande do Sul e o comando em chefe das forças em operações.

Assim, de 1843 a 1845, entre pequenos recontros, dentre os quais merece destaque o de Poncho Verde, e intrigas dos vizinhos países constantemente em

lutas, transcorreu a fase final da Revolução Farroupilha.

Merece, porém, destaque especial a intervenção do caudilho argentino D. Juan Manoel de Rosas com sua tentativa de aliciar os farroupilhas para sua causa que era a formação de um estado único da Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul. Não fez o convite às claras, pois bem sabia que seria repellido. Fê-lo entretanto solertemente, enviando um embaixador para entender-se com o gen. Davi Canabarro que era, em última análise, o chefe supremo da República, pois que Gomes Jardim, velho e cansado, pouco podia fazer.

Rosas, então, nada queria para si. Mandou, apenas, oferecer ao gen. Canabarro os seus soldados para o auxiliarem a derrubar o Império, cousa de pequenos importância, pois que com os uruguaios já haviam feito convênio semelhante, embora nunca se tivessem utilizado dos soldados de Rivera ou Lavalleja, mas, ao contrário, haviam enviado a ambos auxílios humanos, em troca de materiais, sobretudo armas e munições.

Canabarro, entretanto, descobriu logo as intenções de Rosas, mesmo porque costumava ler seguidamente os jornais de Buenos Aires. E, assim, resolveu escrever ao caudilho do Prata, repudiando violentamente o oferecimento:

— "Senhor. — O primeiro dos vossos soldados que transpuser a fronteira, fornecerá o sangue com que assinaremos a paz com os imperiais. Acima de nosso amor à República está o nosso brío de brasileiros. Quisemos, ontem, a separação de nossa Pátria, hoje, almejamos a integridade. Vossos homens, se ousarem invadir nosso país, encontrarão ombro a ombro, os republicanos rio-grandenses e os monarquistas do sr. d. Pedro II".

Esse gesto nobre e elevado de Canabarro chegou aos ouvidos de Caxias que, hábilmente, o explorou apontando para as nuvens negras que se estavam formando ao Sul, vindas do Prata. Num entrevista entre Caxias e Canabarro, foi que tal documento se revelou em seu todo. Caxias estava procurando convencer Canabarro de que a República estava morta, pois não tinha mais gente. O chefe farroupilha, entretanto, também

hábil, dizia que Caxias estava redondamente enganado, pois ainda possuíam os farroupilhas elementos para lutar por mais dez anos. Caxias sorriu, pois sabia muito bem que aquilo nada mais era do que fanfarronada do valente e invencível Canabarro. E foi então, diante do sorriso do chefe imperial que Canabarro mostrou-lhe a cópia da resposta que dera a d. Juan Manuel de Rosas, dizendo-lhe ainda:

— Apesar disso, general, a qualquer momento poderemos buscá-lo, pois estão inteiramente ao nosso dispor.

Mas outros chefes farroupilhas trabalhavam pela pacificação, aliciando adeptos. O mais entusiasta era Antônio Vicente da Fontoura, chefe da facção contrária a Bento Gonçalves, que se formara em Alegrete. E a idéia foi criando vulto, chegando ao ponto de se reunirem todos os chefes para tratar do assunto. Houve poucos discordâncias. Desejavam todos, porém, que a paz fosse feita como de igual para igual. E era isso, justamente, o que trancava a pacificação. Elaboraram os farroupilhas um tratado do que pretendiam. De posse desse documento, reuniram-se os emissários farroupilhas, chefiados por Antônio Vicente, com Caxias. As exigências eram demasiadas, se bem pudesse o chefe imperial resolver a questão de imediato com a carta branca que lhe fôra outorgada. Não quis, porém, e alvitrou que os farroupilhas elegessem um "embaixador" para ir à Corte tratar do assunto. Elegeram Antônio Vicente da Fontoura, o rude guasca que, de saída, se negou a comparecer ao beija-mão imperial, alegando que era muito velho para beijar mão de criança.

O Ministério reuniu-se várias vezes. Houve discussões e, finalmente alguém do ministério alvitrou que Antônio Vicente deveria ser prêso. Então o brioso farroupilha redarguiu:

— Tentem, e verão que a guerra continuará, pois não estamos vencidos. Ainda temos muitos elementos...

Diante de mais essa ousadia do guasca farroupilha, o Ministério resolveu entregar o caso a Caxias. — Que êle resolvesse como entendesse. E Caxias aceitou as condições, num gesto nobre e

humano de harmonizador, na reunião que teve com os chefes rebeldes a 25 de janeiro de 1845. Nêsse mesmo dia se haviam todos os farroupilhas reunido nos campos da Carolina, em Poncho Verde, e após discutirem a situação, aceitaram as proposições, que já em princípios Caxias havia aceito. A aceitação foi unânime. Sômente o gen. José Antônio de Sousa Neto declarou coerente com seu gesto de 11 de setembro de 1836, que aceitava a pacificação e as cláusulas do tratado, mas que iria residir em sua estância abandonada há dez anos, no Urugaí. E realmente foi, mas para voltar em 1849 e, com sua gente, invadir o território uruguaio exigindo mais respeito pelos brasileiros que lá residiam e tinham propriedades.

Dizia o tratado de paz:

— "1.º — O indivíduo que for indicado pelos republicanos para presidente da província é aprovado pelo governo imperial e passará logo a presidir a província."

(Para a execução deste artigo tinham já os farroupilhas escolhido os nomes de Teófilo Ottoni, que rejeitou alegando que a indicação de seu nome estragaria tudo; Antônio Carlos de Andrada Machado e Silva, irmão mais moço de José Bonifácio; José Antônio Galvão, que já fôra presidente do Rio Grande do Sul, e o então Conde de Caxias. A eleição recaiu quase toda em Caxias que, por isso continuou até 1846 e só deixou a presidência por sido eleito senador pelo Rio Grande).

— Art. 2.º — A dívida nacional é paga pelo governo imperial, devendo apresentar-se ao Barão de Caxias a relação dos credores para êle entregar, a pessoa ou pessoas para isto nomeadas pelo governo da República, a importância a que se montar a dita dívida.

Art. 3.º — Os oficiais da República que pelo nosso comandante em chefe forem indicados a servir ao Exército do Brasil nos mesmos postos, e os que quiserem sua demissão, ou não quiserem pertencer ao referido exército, não serão jamais obrigados a servir, tanto em Guarda Nacional como em primeira linha.

(Nenhum oficial aceitou sua inclusão. Entretanto, por ocasião das novas guer-

ras, em 1852, todos espontaneamente se apresentaram e foram aproveitados).

— Art. 4.º — São livres e como tais reconhecidos todos os cativos que serviram na revolução.

(O ato foi rigorosamente cumprido. Os dois corpos de pretos — os lanceiros negros de Teixeira Nunes e a cavalaria negra de João Antônio da Silveira, — ficaram libertos e foram trabalhar pelas estâncias).

— Art. 5.º — As causas civis, não tendo nulidades escandalosas, são válidas, bem como toda as licenças e dispensas eclesiásticas.

(A República havia criado um Vicariato Apostólico que entregou ao virtuoso sacerdote Francisco das Chagas Martins d'Ávila e Sousa. Feita a pacificação, todos os atos foram cuidadosamente examinados e aprovados sem restrições, embora fosse o velho padre censurado por ter aceito o cargo republicano)

— Art. 6.º — É garantida a segurança individual, e da propriedade, em toda a sua plenitude.

— Art. 7.º — Tendo o Barão de organizar um corpo de linha, receberá todos os oficiais para elle, dos republicanos, sempre que assim voluntariamente o queiram. (Veja a nota que fizemos ao Artigo 3.º).

— Art. 8.º — Nossos prisioneiros de guerra serão logo soltos, e aquelles que estão fora da provincia serão reconduzidos a ella.

— Art. 9.º — Não serão reconhecidos em sua patente os nossos generaes, porém gozarão das imunidades dos demais cidadãos.

— Art. 10.º — O governo imperial vai tratar definitivamente da linha divisória com o Estado Oriental do Uruguai.

(Este artigo foi o que mais demorou a ser executado, pois somente quase dez annos mais tarde é que foram feitos os estudos e tratados).

— Art. 11.º — Os soldados da República pelos respectivos comandantes relacionados, ficam isentos do recrutamento de 1.ª linha.

— Art. 12.º — Os officiaes e soldados que pertenceram ao exército impe-

rial e se apresentaram ao serviço da República, são plenamente garantidos como os demais republicanos".

O duodecálogo dos farroupilhas, como se verifica, era incisivo. Caxias assim mesmo o aceitou integralmente e fez cumpri-lo em tudo que lhe foi possível, inclusive na parte financeira que, entre tanto, foi demorada, e na questão de limites com o Uruguai.

A 28 de fevereiro de 1845 publicava Davi Canabarro sua proclamação dando por pacificado o Rio Grande do Sul, e a 1.ª de março Caxias lançava sua proclamação no mesmo sentido.

Canabarro na sua patriótica proclamação allude ainda ao caso de Rosas, enquanto Caxias, mais sóbrio, concita todos à fraternidade e ao trabalho.

Eis as proclamações:

— "Concidadãos! — Competentemente autorizado pelo magistrado civil a quem obedecemos na qualidade de comandante em chefe com a unânime vontade de todos os officiaes da força de meu commando, vos declaro que a guerra civil que há mais de nove annos devasta este bello país está acabada. A cadeia de successos por que passam todas as revoluções tem transviado o fim politico a que nos dirigimos, e hoje a continuação de uma guerra tal seria o ultimatum da destruição e do aniquilamento de nossa terra. Um poder estranho ameaça a integridade do Império e tão estólida ousadia jamais deixaria de ecoar em nossos corações brasileiros. O Rio Grande não será teatro de suas iniquidades; nós partilharemos a glória de sacrificar os resentimentos criados no furor dos partidos, ao bem geral do Brasil.

Concidadãos! — Ao desprender-me do grau que me havia confiado o poder que dirigia a revolução, cumpre assegurar-vos que podeis volver tranquilles ao seio de vossas familias. Vossa segurança individual e de propriedade está garantida pela palavra sagrada do monarcha, e o apreço e vossas virtudes confiado ao seu magnânimo coração. União, fraternidade, respeito às Leis e eterna gratidão ao inclito presidente da provincia, ilmo. e exmo. Barão de Caxias, pelos afanosos esforços que há feito na pacificação da Provincia.



# Homenagem a um "paisano"

Escreve de Itapetininga o  
1.º ten. Sinésio Pontes

Coincidindo com os festejos levados a efeito pelo povo de São Paulo para comemorar a revolução constitucionalista, em julho último, tivemos também, nesse mes, na cidade de Tietê, as solenidades que marcaram o primeiro aniversário do MUSEU CORNELIO PIRES, em honra à memória do escritor.

Ao acontecimento compareceram altas personalidades da sociedade paulistana, membros da Academia Paulista de Letras, representantes do governo do Estado, jornalistas e escritores.

Os trabalhos foram presididos pelo escritor e poeta Guilherme de Almeida que, m brilhante oração, exaltou a figura de Cornélio Pires, pelo muito que fez em prol do folclore.

Paulista de quatro costados, Cornélio Pires forma honrosamente ao lado de Lobato, Setúbal, Amadeu Amaral, Valdomiro Silveira e outros no conhecimento da vida do nosso caipira. Ninguém melhor do que êle penetrou nos sitios e fazendas buscando e estudando no contato com o sertanejo, sua vida e seus costumes. Observou de perto o nosso homem do campo e tê-lo de tal forma que se tornou profundo conhecedor dos seus hábitos e suas "manhas" como êle próprio dizia. E quantas vêzes não pernoitou num casebre pobre e não dormiu em um catre de couro trançado para, na manhã seguinte tomar café numa tijelinha de beirada rôxa; e quantas vêzes não se sentou em um banco tóscico de madeira e não se achegou ao poial de barro para almoçar um viradinho de feijão com couve e torresmo!

No dizer de Menotti Del Picchia; "Cornélio Pires foi um boêmio, um poeta, um cigaro como seus avós, que levou alegria entre os homens e que defendeu os tesouros folclóricos da "cultura caipira".

Cornélio Pires — inexcêdível na imitação da voz e do linguajar do nosso caipira — cricu inúmeras piadas e entoou à viola as modinhas sertanejas mais famosas. Além de gravar discos que tiveram grande aceitação lá pelos idos de



Campo em Poncho Verde, 28 de fevereiro de 1845. — DAVI CANABARRO".

— "Rio Grandenses! — É sem dúvida para mim de inexplicável prazer o ter de anunciar-vos que a guerra civil que por mais de nove anos devastava esta bela província, está terminada.

Os irmãos contra quem combatíamos estão hoje congratulados conosco e já obedecem ao legítimo governo do Império brasileiro. Sua majestade o imperador ordenou por decreto de 18 de dezembro de 1844 o esquecimento do passado e mui positivamente recomenda no mesmo decreto que tais brasileiros não sejam judicialmente nem por outra qualquer maneira inquietados, pelos atos que te-

nam sido praticados durante o tempo da revolução. Esta magnânima deliberação do monarca brasileiro há de ser religiosamente cumprida. Eu o prometo sob minha palavra de honra. Uma só vontade nos una, rio-grandenses, maldição eterna a quem recordar-se das nossas dissensões. União e tranqüilidade seja de hoje em diante a nossa divisa. Viva a religião, viva o imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil. Viva a integridade do Império.

Quartel General da Presidência e do Comando em Chefe do Exército na Costa do Santa Maria, Campo de Alexandre Simões, a 1.º de março de 1845. — BARRÃO DE CAXIAS".

1930, escreveu ainda diversos livros, tais como "Meu Samburá", "Patacoadas", "Estrambóticas Aventuras de Joaquim Bentinho" etc..

O Caipira êsse caboclo um tanto rústico que vive desassistido da sorte e que tantos chistes e remoques tem fornecido para as festas juninas dos nossos dias, êsse mesmo caipira que moureja nas terras dos sertões paulistas, foi um grande amigo de Cornélio Pires, que com êle conviveu.

O pranteado escritor, hé pouco desaparecido, acompanhou como reporter-soldado tôda a campanha de 32, tanto no setor norte como no sul, registrando fatos que pela sua peculiaridade merecessem citação.

Ac terminar a jornada contra a ditadura, quando as nossas tropas retornavam aos seus quartéis, Cornélio Pires entregava-se à tarefa de escrever o livro "Chorando e Rindo", em cujas páginas encontramos as mais variadas passagens nos campos de luta, ocorridas com a nossa gente.

Verifica-se pelos pormenores e pessoas apontadas, dentre elas — a maioria a maioria — oficiais da Fôrça Pública do Estado, a exatidão dos acontecimentos.

E é por isso que, à guisa de homenagem ao saudoso escritor e jornalista, transcrevemos um trecho do seu último livro, que é bem uma mostra das referidas feitas ao nosso homenageado:

#### "O Sacrifício dos humildes"

"Tal foi a sinceridade e tão estóico o desprendimento da nossa gente, que episódios os mais impressionantes, eram diariamente registrados por todo o Estado.

Destacado nos primeiros dias de luta, pelo grande soldado paulista que foi o CORONEL SALGADO, para o interior, a fim de adquirir cavalos para a Fôrça Pública, requisitando e pagando e não "arrebanhando" como se faz noutros pontos do país, aceitei a incumbência sob a condição de simples experiência, pois temia não ser capaz de tal encargo.

De fato, chegando ao sítio de um roceiro, vi junto da porteira do terreiro uma égua e dois cavalos, sendo um dêles reforçado e manteúdo, um lindo baio.

— Bom dia, patricio!

— Bão dia... desapeie.

— Venho com pressa. Estou reunindo cavahada para as nossas tropas e quero saber quanto o senhor pede por aquêlê cavalo baio.

Nesse momento, muito sujinho, apareceu o filhinho do caipira, um menino que teria seus sete anos de idade.

— Intão é verdade que rebentô a guerra?

— Infeitmente...

— É. São Paulo num pode perdê!

— E todos nós precisamos contribuir; porisso é que o senhor precisa fazer um preço barato no cavalo baio...

Ao ouvir essas palavras o garoto pôs-se a chorar:

— Pai... Num dêxe o home levá o baio na guerra, pai. Eles matam o pobre do baio!!

— Mas meu filho... Eu também quero muito bem o baio, mas é perciso i, nem que seja de graça... É pra defendê São Paulo i nós tudo que moramo aqui, senão êles vem i tomum tudo de nós, ainda surram eu e sua mãe...

Assim tentat a convencer o filhinho, quando o pequeno, enxugando as laprimas com a manga ranhenta da camisa, ergueu a cabeça, com o olhar brilhante e n.e. disse:

— Môço... pode levá o baio... mais num dêxe machucarem muito êle.

É escusado dizer que não requisitei o baio e desisti da missão de reunir cavalos, descendo então para Santos a fim de arrebancar homens, e que foram homens e que foram homens de fato!"

# O Brasil precisa de físicos

- II -

PROF. HANS PETER HEILMANN

Encerramos o artigo anterior com um apêlo para que todos contribuissem para a formação de uma nova geração de físicos para o Brasil. Queremos hoje examinar alguns dos problemas que esses futuros físicos terão que enfrentar.

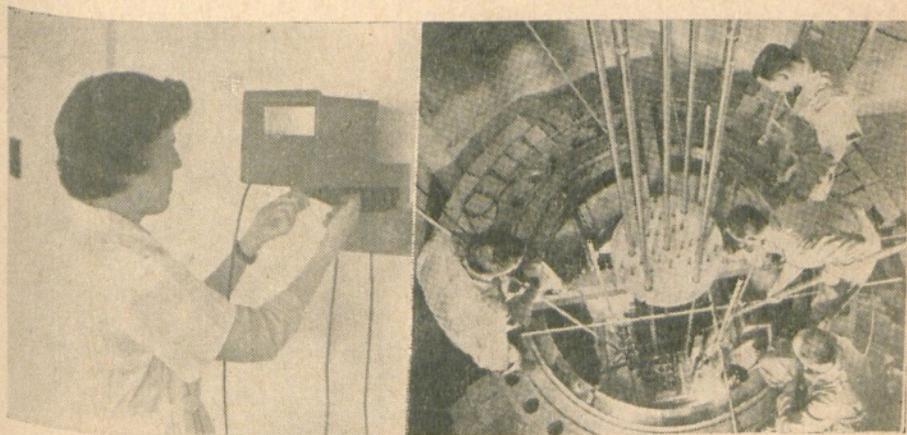
Um problema crucial é o do curso que deverão fazer. Os dois principais cursos de Física no país são os da Universidade de São Paulo e da Universidade do Brasil. Outras universidades mantêm cursos de Física em diversos níveis de qualidade, mas nenhuma conta com os recursos técnicos das citadas acima. Falando do curso de Física da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, que o autor conhece mais de perto, seu curso de quatro anos é difícil, mas não excessivamente trabalhoso. Pode ser feito em um período, existindo curso noturno. Há quem faça paralelamente os cursos de Física e de Engenharia, o que naturalmente não é fácil, mas é possível. Outros alunos limitam-se ao curso da Faculdade mas, para adquirirem maior prática e mais conhecimentos passam parte do seu tempo de estudantes nas instituições complementares do Departamento de Física, como o betatron, o gerador Van de Graaf, o Reator Atômico, etc.

Outro problema é o que enfrenta o jovem físico, logo depois de formado. Como qualquer curso, também este apresenta suas falhas, e a primeira preocupação será a de preencher as lacunas de formação. Alguns permanecem nas cadeiras da própria Faculdade, outros passam temporadas no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) de São José dos Campos; outros ainda, dirigem-se ao Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas no Rio de Janeiro. E existe sempre a possibilidade de uma bolsa de estudos no estrangeiro. Os governos de muitos países oferecem bolsas a brasileiros já formados, sendo que alguns condicionam a concessão da bolsa ao domínio da língua do país. Há, finalmente, os que optam pela

difícil solução do auto-didatismo; em geral, para ter alguma possibilidade de sucesso, o jovem não pode ser um auto-didata completo; precisa ter uma pessoa de mais experiência que o oriente e lhe indique o que estudar, para que não se perca na vastidão da matéria.

Examinemos agora as possibilidades econômicas do físico já formado, e que já atingiu um certo grau de desenvolvimento na matéria. Deixemos de lado o ensino secundário, embora êle por vèzes, paradoxalmente, mais rendoso do que a carreira científica. O físico poderá, com muita sorte, vir a trabalhar numa das duas grandes universidades. Mas, existem outras possibilidades dentro do magistério superior. O governo do Estado, numa orientação cujo mèrito não nos cabe discutir aqui, vem criando numerosas faculdades no interior, tôdas elas necessitando de elementos novos. Além disso, existem diversas instituições de pesquisa como as que já mencionamos (ITA, Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas etc.) que têm necessidade de bons físicos. Fora do país, as possibilidades são ilimitadas, desde que o indivíduo possua real valor como físico. Ainda não há muitas possibilidades para físicos dentro da indústria, mas isso há de mudar fatalmente, e dentro de um espaço de tempo não muito grande.

Portanto, jovem leitor, torne-se físico! o Brasil está à sua espera!



A esquerda, uma pesquisadora do Departamento de Física executa medidas de precisão. A direita, são inseridas barras de urânio no reator

### CENTRO DE ESTUDOS MÉDICOS

O Centro de Estudos Médicos da Força Pública de São Paulo está interessado no intercâmbio técnico-profissional e cultural com as organizações congêneres e oficiais médicos das Polícias Militares.  
Correspondência: Rua João Teodoro, 307 — SÃO PAULO, SP.

Dra. M. Helena Braga Monte Serrat

escreve:

## A epopéia de 32 que eu vivi

**H**A MUITOS anos, por ocasião do 9 de julho, venho assistindo a comemorações da data da Revolução Constitucionalista de São Paulo. Em várias delas, nos tempos da escola secundária e superior, tive atuação, planejando ou tomando parte nas solenidades de reavivamento das nossas gloriosas tradições de brasileiros democratas.

Mais recentemente, em 1957, por ocasião dos festejos do vigésimo quinto aniversário do nosso levante contra a ditadura, abundante foi a produção literária e histórica a propósito do cometimento. Colecionei o que me caiu às mãos nessa época. O tema é esmiuçado sob inúmeras facetas: a bravura dos paulistas; a solidariedade do povo auxiliando econômica e pessoalmente com seu trabalho, na consecussão do ideal de liberdade da Pátria; os heróis que derramaram seu sangue no campo da luta, regando com êle a terra amada, fortalecendo-a, vivificando-a; o trabalho das mulheres, dos anciãos, dos inválidos, das crianças, na retaguarda, convergindo suas fôrças no sentido da obtenção da vitória; a coragem e o denodo dos bravos cabeças do movimento, que não se atemorizaram ante o gigantesco empreendimento, confiando nos seus irmãos "das treze listras"; o desprendimento dos bens materiais das famílias paulistas, para obter recursos que assegurassem a alimentação e roupas e munições para os bravos lutadores. Tudo isso e mais ainda foi relebrado, fixado nas páginas da história por intermédio da pena dos nossos escritores.

### EM RIBEIRÃO PRÊTO

Neste ano, mais uma vez, foi-nos dado presenciar a cerimônia cívica. Vibrantes e entusiásticas vozes se fizeram ouvir, trazendo o passado para os moços de nossos dias, para que, sabedores de nossas tradições honradas, saibam seguir-lhes os passos, perpetuando-as, aumentando-as, elevando-as. Outra vez ainda, — e nunca é demais ser rememorada — os mesmos aspectos supra-mencionados vieram à baila. Inclusive notou-se que, com o passar do tempo, o fundamento dos paulistas está sendo caolhamente interpretado pelos moços de nossos dias. Mas não faltaram pessoas que imediatamente procuraram repôr o problema em seus verda-

deiros limites, ubicando-o no quadro histórico em que se desenrolou. Foram venerados os mortos.

### REMINISCÊNCIAS

Foi durante estas últimas solenidades, que revivi, em pensamento, o ano de 1932. E, pensando nele, constatei que não tem sido fixado na história, o movimento correlato e paralelo das agruras por que passaram os nossos bravos, ou seja, o vivido pelas famílias que ficaram no recesso de seus lares, trabalhando pela causa e aguardando ansiosamente o retôrno dos entes queridos que combatiam em busca de melhores dias para si e, principalmente, para os seus pósteros.

Eu era criança nesse tempo. Não tinha sequer completado uma década de vida. Meu pai, um paulista ardoroso, não de quatrocentos anos, bem mais novo, caldeado de pai português e de bisavó índia, (dizem que dessas laçadas a corda, na captura), mas nem por isso menos amante de sua terra — e antes de tudo um brasileiro, — não titubeou em deixar mulher e seis filhos menores de 9 anos em Santos, e partiu com seus companheiros em busca da nossa Carta Magna. Minha mãe, muito jovem ainda, acostumada que estava com um padrão de vida bastante folgado, cedeu altruisticamente aos reclamos da contingência e despojou-se das jóias que possuía, inclusive algumas de família, das pratarias que adornavam sua casa, ficou privada do braço forte do marido ausente, no campo da luta, em prol do Movimento, e arcou sozinho com a responsabilidade da sobrevivência de sua prole, da salvaguarda do seu lar. Mas isso não é tudo. Lembro-me, tenuemente embora, dos anseios por que passava ela, buscando diariamente na lista dos feridos, dos presos, encontrar o nome do companheiro ausente. Seria a comprovação de que ainda estava vivo!... Cartas, telefonemas, mensagens, tudo era buscado no afã de obter notícias do ente querido! As dificuldades do lar aumentavam, o trabalho tresdobrava, inclusive para auxiliar os combatentes. Quem nunca necessitara trabalhar para viver, se via obrigada a novas lutas nesse sentido. Também um meu tio estava na luta. Mamãe receava pela vida do irmão. Que de lágrimas ardentes e trespassadas de saudades não rolaram de seus olhos verdes... Quanta prece dirigida aos céus!

Depois, pouco depois, num lapso de tempo que se nos afigurou como séculos, tivemos notícias de que meu pai fôra preso, e também meu tio. O primeiro foi conduzido para a ilha Grande e o segundo para a ilha das Flores. Novas preocupações. Cartas para os parentes que residiam na Capital federal, a fim de que obtivessem notícias de sua saúde, e que lhes fizessem chegar às mãos alguns doces, roupas e principalmente cigarros. Como suspirá-

vamos por alguma informação. E as dúvidas sobre a entrega das cartas, alimentos, roupas e cigarros enviados...

É a alegria experimentada pelo retorno do soldado barbudo, um pouco mais gordo pela inércia da prisão, bastante mais velho pela dureza da vida e preocupações de toda sorte!

### SENTIMENTOS IGUAIS

Sentimentos iguais a estes, — alguns mais intensos e penosos, inclusive com a perda de vidas preciosas do seu seio, outros mais atenuados — experimentavam as demais famílias paulistas. Elas como que se irmanavam, formando elos de uma corrente de esperança em defesa da Liberdade, fortalecida pelo compassar uníssono dos corações acelerados daqueles que ficaram na retaguarda das tropas. Foram os heróis anônimos, pouco lembrados sob esse ângulo.

Neste duodécimo sétimo aniversário da Revolução Constitucionalista, apraz-me refflorir esta lembrança que é um símbolo, um exemplo da tenacidade, do amor e do patriotismo da mulher brasileira, sempre pronta a enfrentar a luta pelo Direito, pela Justiça pela Liberdade.

① PARA ORIENTAR BOMBEIROS PROFISSIONAIS  
NOS SERVIÇOS DE PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIOS

② PARA ORIENTAR INDUSTRIAIS E COMERCIANTES  
NA FORMAÇÃO DE EQUIPES DE COMBATE A INCÊNDIOS

≡ M·A·N·U·A·L ≡

DE PREVENÇÃO E COMBATE

≡ DE INCÊNDIO ≡

— DO 1.º TEN. ORLANDO SECCO —

ÚNICA OBRA EM PORTUGUÊS PARA OS MISTERES ACIMA

PEDIDOS AO AUTOR - QUARTEL GENERAL DA FÔRÇA PÚBLICA  
PRAÇA FERNANDO PRESTES, 115 — S. PAULO

# Saudação aos

## Heróis de 32

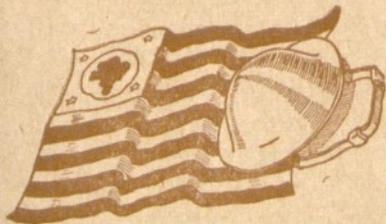


A data festiva de 9 de julho, lembrada religiosamente por nós paulistas e principalmente por mim, que sou filho de um dos heróis daquela arrancada, não podia passar despercebida. Estava, então, com apenas dois anos de idade e meu saudoso pai teve que me deixar nos braços de minha mãe, para dar cumprimento ao seu dever para com a pátria, cumprindo também o seu juramento sagrado à Bandeira Nacional «mesmo com sacrifício da própria vida». Pertencia êle à centenária Fôrça Pública do Estado de São Paulo, onde serviu por mais de 27 anos.

E é pensando nêle e em seus companheiros de luta, que senti o desejo de, com o pouco que aprendi com meus superiores hierárquicos, prestar a minha pequena e sincera homenagem a todos os combatentes Paulistas de 32

Aos veteranos do movimento constitucionalista — os vivos e os que se foram para a eternidade, meu preito de gratidão.

A Itapetininga, que foi o Q G das tropas constitucionalistas, minha saudação!



...  
Escreve de Itapetininga o  
cabo Tereziano de Oliveira

**M**UITO se tem discutido, nos dias atuais, sobre a interpretação da expressão «policia-militar», bem como a posição e natureza das Polícias Militares estaduais, consideradas forças auxiliares, reservas do Exército Brasileiro e instituídas para manutenção da ordem e segurança públicas, em seus respectivos Estados e Territórios, nos termos do art. 183 da Constituição vigente.

Várias têm sido as interpretações e contraditórias muitas jurisprudências dos nossos tribunais. A causa, entretanto, quer-nos parecer, é

# Polícias

oriunda da composição de duas palavras (policia e militar), cujo significado separadamente, exprime funções antagonicas.

Com efeito, o exercício da atividade específica de um e outro não se coaduna. A formação do policial propriamente dito é bem diferente da do militar.

Examinando-se a Constituição Federal de 1934, primeira Carta Constitucional a tratar do assunto, verifica-se que o espírito do legislador foi de dar a essas forças estaduais uma estrutura militar, considerando-as reserva do Exército. Esse espírito foi concretizado com a promulgação da lei federal 192, em 17 de janeiro de 1936. Seu escopo principal foi dar às P.M. um cunho militar, pois as reestruturou em bases militares, estabelecendo hierarquia igual à do Exército até coronel inclusive e aplicando às mesmas o Código Penal Militar.

# Militares

A vigente Carta Magna ratificou a de 34, quanto à estrutura, isto é, considerou-as forças auxiliares, reservas do Exército, dando-lhes, porém, uma função específica, qual seja a de manter a ordem e a segurança pública nos Estados, Territórios e no Distrito Federal.

Eis que o legislador constituinte de 46 estabeleceu a verdadeira posição e natureza das P.M., pois deu-lhes uma função e uma estrutura. A função é policial e a estrutura é militar.

Entretanto, para muitos, a palavra militar tem sido interpretada como função. Essa interpretação tem prejudicado em muito as milícias estaduais. Basta dizer que, por ocasião da promulgação das Constitui-

Escreve de Pôrto Alegre o 1.º t.n. João Aldo Danesi,  
da Brigada Militar do Rio Grande do Sul

ções Estaduais, em 1947, muitos legisladores tiveram sua atenção voltada para o termo militar e colocaram suas Forças Públicas como verda-

delos exércitos regionais, como é o caso do Rio Grande do Sul, que ao tratar da Brigada Militar lhe outorgou missão policial apenas em caráter facultativo. Assim se expressa o art. 223 da Constituição gaúcha: «No interesse do Estado, é permitido atribuir à Brigada o policiamento civil, a prevenção de incêndios e combate ao fogo e outros encargos condignos estabelecidos em lei». O mesmo acontece em muitos Estados da Federação onde a palavra «militar», no caso simples, adjetivo, absorveu a essência, «polícia», proporcionando uma interpretação errônea na conceituação de «Polícia Militar», e fêz com que não fosse conferido a muitas milícias o caráter de força medularmente policial, mas apenas permitiu seu emprêgo em missões de policiamento, quando necessário.

Essa circunstância é a principal responsável por certos conflitos de competência surgidos entre elementos da polícia civil e da Polícia Militar em alguns Estados, sob a alegação de que uma força militarmente organizada só pode ser empregada quando a insuficiência da polícia civil fôr manifesta e os acontecimentos não exigirem o emprêgo das Forças Armadas. Essa argumentação não encontra base no fundamento constitucional, assim como é infundada a argumentação de que o emprêgo de policiais militares no policiamento civil seria militarizar êsse serviço. Pois, como ainda recentemente acentuou o sr. Athos Gusmão Carneiro, ilustre juiz de Direito da Comarca de Ijuí, RGS, em artigo publicado na edição de 23 de abril de 1958, de um órgão da imprensa de Pôrto Alegre, «policiamento civil não é apenas o executado pela polícia civil, pois a natureza do serviço, não a estrutura do órgão que o executa, é que interessa». Depois de tecer comentários sôbre manutenção da ordem civil, aquêle magistrado ainda explica: «O policiamento civil é executado quer por corporações militares, quer por corporações militarmente estruturadas, cujas atribuições, exercidas em caráter exclusivo ou cumulativamente, são definidas em leis e regulamentos.»

Assim sendo, não resta outra interpretação do texto constitucional, quanto à natureza da função específica das Polícias Militares, que é «policial», enquanto a «estrutura» é militar.

É ainda Athos Gusmão Carneiro quem afirma: «Conquanto organizadas em moldes militares, com base na disciplina e na hierarquia, as milícias estaduais terão como razão de ser o objetivo primacial, «policiamento civil», quer preventivo, como a serviço da Justiça repressiva, assim garantindo a segurança interna e a manutenção da ordem nas unidades federais. A missão é nobilíssima e muito eleva quem a exerce com espírito público».

Do exposto se conclui que as Polícias Militares são órgãos essencialmente policiais, de caráter necessariamente militar. Cremos, pois, finalmente, carecerem as Polícias Militares de uma lei básica que regulamente o art. 183 da nossa lei maior, em substituição à lei 192, já superada em muitos dos seus dispositivos.

**A** CREDITO que não exista na Fôrça Pública quem desconheça ês:e tipo; porém, é possível ter eu, para melhor efeito, somado alguns elementos diferentes formando uma só personalidade.

O meu tipo esquecível tinha um apelido parecido com ofídio; se não me falha a memória, era o cabo Jibóia Pequena. Todavia, o nome não é essencial, tanto faz ser Jibóia, Cobra ou Minhoca, o importante é que êle tem ou teve existência real. Sei que alguém duvidará. "Acredite se quiser" e quem quiser.

Andava o então soldado Jibóia com vontade de desertar. Não era mais possível. Aquêlê cabo "colored" — comandante do destacamento — "escalara-o para montada, em boletim". Não dava uma folga, e por dá cá aquela palha "trabalhava-o nas duas mãos". Como escalante, então, nem se fala, era pior que diretor esportivo de clube de várzea. O sd. Jibóia estava em todos os serviços possíveis e até nos impossíveis.

Mas, a situação precisava ter um paradeiro! E o Jibóia achou a tábua de salvação, quando soube que seu comandante fazia sessões espíritas em casa. Era um espiritismo muito rudimentar e ignorante, pois o cabo e seus amigos eram quase analfabetos.

---

## Meu tipo esquecível

---

O nosso "cobra" passou a ler obras sobre o assunto. Um dia em pleno destacamento, quando estavam presentes só êle e o cabo fingiu-se "em transe" e deu um trabalho danado ao seu superior.

Como sempre acontece com todo ser humano, seja êle católico, espírita, protestante, budista, capitalista, comunista, ateu, corintiano ou sampaulino, o cabo modificou-se totalmente com a nossa personagem, ao tomar conhecimento de suas idéias. Afinal de contas êles tinham a mesma crença, o mesmo modo de encarar as coisas.

Alguns dias depois, foi convidado para uma reunião em casa do graduado e passou a frequentar as sessões como "medium de incorporação". O Jibóia quase decorou o Evangelho de N.S. Jesus Cristo e, se ficou mal visto com o padre, ficou "limpo" com o cabo.

E tudo ia muito bem, até que um dia adoeceu a mãe do cabo e o "soldado" — "medium" resolveu curá-la. "Recebeu o guia" e disse que no dia seguinte êles encontrariam o remédio em algum lugar da própria casa. Era verão e o capote do cmt. de Destacamento estava pendurado na sala, sem perigo de ser usado naquele dia.

Cap. Plínio D. Monteiro



## ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o insubstituível

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

No dia seguinte a família se mobilizou para procurar a tisana por todos os cantos da casa, e — ô surpresa! — no bolso do capote (o capote que há tanto tempo não era usado) havia um artístico vidro de perfume com uma substância esquisita.

A vêlha acabou de tomar uma colher de "remêdio" e desandou a vomitar. Eca fel de boi e se deteriorara com o calor.

Não houve outro jeito. Só passar a ausente e arranjar uma transferência às pressas livrou o "megalha" de um "desencarne" rápido.

Vemo: sair para outra:—

Sempre que um soldado se apresenta das férias, volta retemperado, pois se distrai bastante num servicinho leve e diferente — quebrar pedras, transportar caixas, descarregar caminhões ou encerrar casas. Nada como uma outra atividade para uma boa higiene mental. Modernamente os psicólogos condenam mesmo, como prejudicial à saúde e ao espírito, o "dolce far niente". E o soldado consegue com êsse expediente, além de um mercado rpou-o, comprar mais um quilo de arroz (feijão não) e dois de fubá, melhorando substancialmente sua alimentação que vem a longo tempo variando entre o tradicional pirão de brisas e buracos de queijo suíço.

È por essas e outras que, numa manobra, o Jibóia vendeu o carro-cosinha ao japonês plantador de batatas, e quando êste conseguiu encontrá-lo foi ameaçado de morte.

Chamado para justificar a queixa nipônica, o Jibóia saiu-se com esta:— "Seu tenente, eu não disse que mataria o jap; eu só falei que êle iria morrer, e um dia o homem morre mesmo. Ninguém fica para semente..."

Por enquanto vamos esquecer o meu tipo esquecível.

S ABEMOS todos ser a inveja falta abominável, grave defeito, vício nauseabundo, delito irremissível e que a perfeição é um mito. A pureza, com roupagens alvinhentas, atribuída aos poderosos, imunes da crítica e da maledicência «tartufiana», também é inverossímil, apenas corolário do esnobismo que só enxerga qualidades, esnobismo que só divisa grandezas e ostentações; esnobismo que só gera subserviência e servilismo. Quando fala ou escreve um patacado, embora revele estultícia, chamam-no distraído, descuidado ou brincalhão; a carraspana do magnata é ligeira indisposição, mas a do pobre é bebedeira no duro; quando um figurão detrata, humilha, vocifera, chamam-no positivo, franco, nervoso; até a feiura do ricoço é atenuada, tem um quê de beleza (é feiura disfarçada). Eufemismo, eufemismo, eufemismo, de fraque e cartola! São os defeitos dos apaniguados da fortuna eliminados e não raro convertidos em virtudes. Fôsse eu um dêles e teria, por certo, perdão da absurda inveja que, embora remota, rói-me a consciência. Abominável! Eclagem minha encasquetar tamanha pretensão. Ridículo. Enfim... cada um como Deus o fêz. Ademais, tocar pistão como o Zequinha não era sopa». «Rato. Rato Rato»... Quando êle tocava a famosa polquinha, das paredes, os retratos encaxilhados pareciam dançar. Conhecia tanto de pistão como Cesar Lattes de electrons; duas sumidades: uma na esfera científica; outra, deslumbrando com as colcheias, fusas, sustentidos e bemóis.

*De Flautim a  
Porta-Bandeira  
Via Bombardino*

Quando o ouvia, sentia-me possuído de sentimento inexplicável que me remetia aos domínios de Euterpe. Comprei artinha e pús-me a estudar: «Música é a arte que ensina a preferir com acêrto e melodia os diferentes sons da voz humana e dos instrumentos. Chama-se arte porque dá preceitos e regras para se poder cantar ou tocar bem. A música divide-se em cinco linhas e quatro espaços; havendo mais linhas e mais espaços serão particulares». Devorei o epitome num abrir e fechar de olhos. Depois passei ao solfejo e aos compassos com tal entusiasmo que parecia atuado pelo espírito do irmão Carlos Gomes. Nesse impulso hidráulico tomei professor com aulas particulares e meti-me a deglutir notas e remoer a história da música. Os ensinamentos recebidos do maestro João Testa, regente da Filarmônica Santa Cecilia, eram assaz proveitosos. Estuda, menino; — dizia êle — você vai ser grande coisa. «Certo domingo, após a missa (ainda não contei que cantava no côro dirigido pelo maestro) recebi a emocionante notícia: «Olímpio, você já pode ir à estante. Prepare-se para na próxima quinta-feira ensaiar, e não esqueça que vai ser grande coisa. Será o novo flautim da banda. Vá buscá-lo e procure adaptar-se a êle antes do ensaio.» Fiquei babado. Sem perder

tempo fui apanhá-lo. Tirei notas, juntei frases e aprendi a escala com sofreguidão e presteza extraordinárias. Para evitar confusão explico: Zequinha, o meu inspirador, tocava pistão, e Zeca, filho do chefe político do burgo, flautim. Tendo êste o sobrenome Amorim chamavam-no Ze... camorim. Eis que chega o dia ansiosamente esperado. Uma hora antes lá estava o futuro virtuoso, soprando, esguichando saliva de permeio com tons e semitons, numa barulheira mefistofélica. Entrementes chega o maestro: Macilento, olhos embaciados e contrafeito; aludiu à volta do Zé... camorim que partira, «definitivamente», para o Rio de Janeiro, mas dentro de três meses o estômago sentindo grande saudade fê-lo regressar. Feito o intróito aconselhou-me: «Não se amofine, ceda o flautim ao Zeca, que tomará parte no ensaio de hoje. Vou ensinar-lhe a clave de fá e dentro de poucos dias você estará apto a tocar bombardino». O meu mundo caiu (como canta a Maisa). Barganhar o pequeno instrumento por um colosso de latão, maior do que eu, cujo peso iria achatar-me, ainda mais, a cabeça? Era demais. Sem refletir respondi: «Mestre — a troca não me convem. Entrego-lhe o pífano, mas deixo de estudar.» «Não faça isso, rapaz — retruca — você vai ser grande coisa. Enquanto não vagar um instrumento pequeno será o porta-bandeira da filarmônica. Que tal?» Meditei sôbre o lôgro, senti-me frustrado e, por fim, aceitei, melancolicamente como medida conciliatória, a exótica transmutação. Agora, como integrante da charanga, tornei-me o primeiro elemento (porque ia na frente). Ostentando vistoso uniforme branco, e de porte marcial, percorria as ruas da cidade, ao som do «Nós Somos da Pátria a Guarda».

Nas festas, recepções, enterros etc. estava presente a indefectível furiosa para realçar o ato, mas sempre atrasada, muito retardada. O enterro de Adrião Teixeira, seu presidente, saiu com uma hora de atraso (Gracilino Ramos, «Caetés»). Tôda essa trapalhada aconteceu no ano de 1906, na velha Palmeira dos Índios, cidadezinha do Estado de Alagoas, sede da comarca de seu nome.

Aqui fica o depoimento de um visionário, quase musicômano e que por obra e graça de Zé... camorim passou de flautim a porta-bandeira via bombardino.

*Major Olimpio  
de Oliveira  
Pimentel*

# Em visita ao Brasil o 1.º Ministro do Japão

- \* Mais tempo em nosso país que em todos os outros
- \* Milicianos em ação
- \* Rigorosa pontualidade
- \* Cumprimentos de todos, demonstração de conhecimento de nossa história e discurso extra-programa, no meio do povo



Ao lado do ten. Nishi, o ministro posa para a objetiva de MILITIA .

Em visita oficial veio ao Brasil o sr. Nobusuki Kishi, primeiro ministro do Japão, que esteve em contato com o presidente da República e demais autoridades federais, a fim de incrementar o intercâmbio cultural, diplomático e econômico entre os dois países. S. exa. visitou Brasília e São Paulo, onde foi festivamente recebido pela coletividade nipônica, e teve oportunidade de ver de perto o trabalho de seus patrícios entre nós. Percorreu ainda várias outras nações do continente.

#### MAIS TEMPO NO BRASIL

O visitante deveria passar apenas dois dias em cada um dos países visitados. Entretanto, alterou o programa, no que dizia respeito ao Brasil, onde permaneceu quatro dias — o dobro, portanto, do tempo passado em cada um dos outros países.

Como sempre, nossos milicianos estiveram a postos, não só para prestar as honras de estilo àquela autoridade estrangeira, mas também para dar-lhe tôda a assistência necessária. Um oficial colocado a sua disposição — o ten. Reizo Nishi — acompanhou o visitante durante todo o tempo em que permaneceu nesta capital.

#### PROGRAMA EM SÃO PAULO

Ao desembarcar no Aeroporto de Congonhas, o ministro foi recebido pelas autoridades brasileiras, representantes da Associação Paulista de Cultura Japonesa e da Aliança Cultural Brasil-Japão e apresentado aos representantes do Corpo Consular, que o aguardavam no pavilhão oficial.

De lá dirigiu-se ao Palácio dos Campos Elíseos, onde manteve rápi-

da palestra com o governador do Estado. Na mesma ocasião, condecorou o chefe do Executivo bandeirante e outras personalidades, entre as quais o poeta Guilherme de Almeida, presidente da Aliança Cultural Brasil Japão. Cumpre ressaltar que a solenidade estava marcada para as 19,30 horas e, precisamente quando o relógio assinalava aquela hora, o carro que conduzia o visitante cruzou o portão do palácio.

Na mesma noite, o ministro Kishi compareceu ainda a uma recepção no Jardim de Inverno Fazano e a um jantar íntimo na residência do consul do Japão. Centenas de brasileiros e japoneses fizeram questão de cumprimentar o visitante, que recebeu a todos pessoalmente e com satisfação. No pavilhão japonês do Ibirapuera, onde no dia seguinte esteve a comitiva, milhares de pessoas foram saudar o magistrado nipônico.

No museu do Ipiranga, onde o visitante foi depositar uma coroa de flôres junto ao monumento comemorativo da independência, teve oportunidade de apôr sua assinatura no livro de ouro existente no túmulo da imperatriz Leopoldina.

## CONHECIMENTO DE NOSSA

### HISTÓRIA

Para espanto dos brasileiros presentes, Napoleão Bonaparte e a inva-

são da península Ibérica, além de coisas da côrte lusa e causas de sua vinda para o Rio, bem como de nossa independência, foram comentadas pelo ministro nipônico, que demonstrou conhecimento invulgar do assunto.

## DISCURSO EXTRA-PROGRAMA

Ao voltar do museu, o ministro e comitiva percorreram diversas ruas da cidade. Ao passarem pela rua Conde de Sarzedas, grande massa de japoneses e niseis esperavam o ministro. Este desceu do veículo e percorreu a pé parte da via pública. Em determinado momento, para agradecer aos aplausos entusiásticos do público, fêz uso da palavra, em um improviso dirigido a seus patriotas e brasileiros que lhe prestaram aquela manifestação espontânea.

Depois de sua oração extra-programa, proferida sôbre uma cadeira que serviu de palanque, dirigiu-se com a comitiva para o Palácio dos Campos Elíseos, onde lhe foi oferecido um almoço.

S. exa. percorreu ainda recantos pitorescos da cidade, concedeu entrevista coletiva à imprensa e, em seguida, retornou à capital da República, de onde viera.

Três personagens:

— O MÉDICO COMPANHEIRO DO TEN.

J. K. DE OLIVEIRA

— A FOLCLORISTA

— O ESCRITOR PORTUGUÊS

*Uma visita à residência do médico Carneiro Giffoni proporcionou à reportagem de MILITIA um encontro com as três personagens. Cada uma delas representa um aspecto da vida em nossa sociedade. O médico, que dedica sua vida à ciência, não é encarado aqui como profissional da medicina, mas como companheiro de enfermaria que foi do atual presidente da República, no tempo em que êste era tenente médico da P.M. de Minas Gerais. A esposa do dr. Giffoni, que é outra personagem, dedica-se a atividade diferente: é a folclorista Maria Amália Corrêa Giffoni. Enquanto seu marido trata da saúde dos clientes, ela estuda a alma do povo, no imenso laboratório que é o folclore. Tem uma obra já comentada em MILITIA. O escritor Antônio Pousada encerra a triade de que tratamos. Português de nascimento, está radicado no Brasil, onde vive do comércio, encontrando tempo para escrever, e já tem 15 livros editados. Perdeu muito do sotaque luso, adquiriu novos costumes no Brasil, mas conserva a sensibilidade da alma ibérica.*

# I - O MÉDICO

**V**ESTIU a túnica e saiu. Nesse tempo, era 1.º tenente médico da milícia mineira, o ten. J.K. de Oliveira.

Tal cena foi observada várias vèzes pelo então acadêmico de medicina, Carneiro Giffoni que, em 1930, estagiava no Hospital Militar da milícia de Minas Gerais, ao lado do atual presidente da República.

## AUTENTICO MILICIANO

O ten. J.K. de Oliveira era um autêntico miliciano, como se deduz do que conta o dr. Giffoni, hoje radicado entre nós. Em Belo Horizonte pôde êle ver as atividades do jovem tenente de então, que deixara o telégrafo, onde trabalhava, para se dedicar à medicina e à caserna.

— “Andava habitualmente fardado — diz êle. — Tinha seu consultório, único lugar onde trabalhava fora do H.M., mas a maior parte de suas atividades profissionais desenvolvia-se junto a seus colegas de farda. Aliás, faço questão de frisar que o Hospital da Polícia Militar mineira era, na época, um grande centro de estudos médicos.” Acrescentou que,



O médico J.K. de Oliveira, envergando a farda de coronel da P.M.

mesmo depois de deixar o serviço efetivo na corporação, nunca mais a esqueceu e, como governador das alterosas, fêz muito em benefício da milícia.

### CURSO NA EUROPA

Ainda como tenente, o futuro chefe da nação efetuou curso de especialização em urologia, na Áustria. "Depois — disse o dr. Giffoni — retornou às fileiras onde, durante muito tempo, aplicou seus conhecimentos científicos."

### NO FRONT EM 30

— "É com satisfação — aduziu — que me lembro do tempo em que fui companheiro de enfermaria do ten. Juscelino. Infelizmente, não durou muito, pois pouco depois êle foi chamado para integrar o Corpo Médico militar, em

ação na linha de frente. Estávamos em 1930."

A seguir, esclareceu: "Foi no decorrer daquele movimento armado que o lenente médico entrou em contato, pela primeira vez, com o sr. Benedito Valadares." Afiançou que, a despeito de tudo, aquêlê official médico ainda continuou sendo o miliciano de antes. Suas atividades profissionais entre os policiais-militares prosseguiu até que os "acontecimentos políticos o levaram a exercer novas atividades."

Esse é o miliciano Juscelino Kubitschek de Oliveira, visto pelo médico Carneiro Giffoni que, até o presente, mantém relações de amizade com o presidente da República, além de contato profissional.

## II - A FOLCLORISTA

**D**ONA Maria Amália é uma pesquisadora do nosso populário. Um dia, depois de recolher amplo material, lamentou não haver entre nós uma obra capaz de ensinar ao público, e particularmente aos estudantes, o que é e como é o folclore nacional. Os professores também precisavam de um livro que lhes desse ou facilitasse uma orientação pedagógica. E o livro surgiu: "Danças Folclóricas Brasileiras", cuja primeira edição está esgotada.

A despeito, porém, das opiniões inteiramente favoráveis e encorajadoras da crítica, a autora não se mostra satisfeita com o que fêz. "É preciso muito mais" — diz ela. E continua as pesquisas.

### NOVOS LIVROS

Está no prelo mais uma obra da autora: "Danças Tradicionais das Américas". Informou que do livro constarão somente duas danças brasileiras — o moçambique e o pau de fitas, êste do folclore catarinense, até hoje quase desconhecido.

Dos outros países, veremos aí o huayno, do Peru, além de várias outras danças do México, Argentina etc.

Outro livro — "Danças Populares Internacionais", em que é estudado o folclore de vários países — acha-se em preparo. Assim estará completa uma trilogia, em que se apresenta, respectivamente, o folclore do Brasil, da América e do mundo.

### DO BATUQUE AO CIRIRI

A autora apontou dificuldades enormes que teve nas pesquisas que deram origem ao primeiro livro. Graças ao seu trabalho, porém, ali está naquele volume, o que há de mais característico em nosso folclore. O batuque, o maracatu, a tirana (Rio Grande do Sul) e o ciriri (Mato Grosso) são alguns exemplos.

Do começo ao fim, procurou ser clara e fêz um trabalho metódico. Consultando-se a bibliografia existente, notam-se muitas divergências e, por vêzes, confusão, que ela tratou de evitar. Uma das modalidades do batuque poderia originar ambigüidade, no que diz respeito à denominação. Precisava de um nome e a autora o deu: Tambu. Tambu é um dos instrumentos usados pelos batuqueiros. "É fenômeno comum — explicou — o nome de um instrumento passar a denominar a dança."

Os aplausos da crítica foram unânimes. Os profs. Homero Dantas (1) e Paulo Henrique (2), em trabalhos publicados em MILITIA, citaram diversos autores que elogiaram a obra. Menotti del Picchia, Judas Isgorogota, Vivaldo Coaraci, Roger Bastide, além de vários estrangeiros, receberam a obra como algo de novo nas letras nacionais.

#### SISTEMATIZAÇÃO PIONEIRA

A autora pretendeu fazer simplesmente um livro didático. Sistematizou racionalmente seu trabalho. Não o didatizou de maneira sêca e vazia. Depois de pesquisas cuidadosas, preparou o livro com carinho. No gênero, é o único até hoje existente no Brasil. Não é exagêro dizer que se trata de pionerismo.



Dr. Giffoni (centro) e sr. Pousada ouvem explicações da autora sôbre "Danças Folclóricas".

## III - O ESCRITOR

**50** ANOS de residência no Brasil e 15 livros publicados — eis o resumo da história do sr. Antônio Pousada. Contô, novela, romance, história — tudo passa através daquelas páginas, que êle resume assim: "um pouco da minha vida contada, um pouco de vaidade e muito de aflição". "Vaidade e Aflição" serviu de título a uma de suas obras.

Agripino Grieco, Monteiro Lobato, Ferreira de Castro, Afonso Schmidt e muitos outros tiveram palavras de louvor para seus livros. O escritor sentiu-se confortado, mas o estímulo só lhe valeu até certo ponto, quando a alta do preço dos livros lhe ocasionou a paralisação do trabalho literário. Mas só para o público, pois para si mesmo, o português saudoso continua a escrever.

#### HA MEIO SÉCULO

— "Em 1909 — narrou — com seis anos de idade, vim para o Brasil, onde aprendi as primeiras letras. Um desastre na minha família me fêz voltar a Portugal três anos depois. Lá concluí o curso primário e permaneci até os treze anos, vindo então definitivamente para cá".

Assim, há meio século, um português adotou o Brasil como sua segunda pátria. De Tras-os-Montes, onde nasceu, veio para a vila de São Martinho, em



A partir da esquerda, o médico a folclorista e o escritor português.

Minas Gerais, quando de sua primeira viagem. Na volta da Europa, morou na capital da República e em São Paulo, onde acabou por se estabelecer.

#### IMPULSO INICIAL

Seu primeiro livro foi publicado em 1931. Foi a novela "O Órfão". Desde então, sua produção literária não mais parou. Em 1933, surgiu o "Sino Quebrado", coletânea de contos; Em 35, "O Desertor", contos e novelas.

Seu estilo se aperfeiçoou e os livros editados começaram a merecer as atenções da crítica. Um dia, o autor sentiu necessidade de se libertar de recordações de sua vida. Tal necessidade ocasionou, em 1949, "Minha Vida bem Contada — romance de uma juventude". Daí por diante, seus sonhos e sentimentos continuaram a jorrar na páginas de seus livros.

#### PRESEÇA DA PÁTRIA

Antônio Pousada não vê sua pátria há anos. Habitou-se entre nós e aqui ficou. Mas sonha com a terra distante e ela se faz presente em sua obra.

A esse respeito, escreve Armando Ferreira (*Jornal do Comércio — Lisboa*):

"Como não podia deixar de ser, em todos os seus livros, em todos os contos, em todas as personagens, há uma característica especial, que faz com que os seus trabalhos sejam atrativos e interessantes, mormente aos portugueses; envolve-os uma atmosfera de saudosismo, de terna evocação de paisagens, de costumes, de sentimentos..." E reclama para Antônio Pousada a divulgação de seus livros em Portugal, que ignora "este seu tão digno e exemplar filho".

#### FALA A CRITICA

Além de numerosas opiniões de escritores e jornalistas do Brasil e de Portugal, registramos as seguintes:

Agripino Grieco: "Suas narrações, lidas sem íntimo protesto das minhas velhas qualidades de censor, são bem estruturadas, denotam perfeito domínio das cores fortes e dos sutis cambiantes do vernáculo." E, mais adiante: "Há em Antônio Pousada agudos dons de observador realista e também um delicadíssimo poeta da prosa."

Julião Quintanilha: "Há nesta rapsódia ("Rapsódia do Minho") a melodia duma alma que vive a contemplar a pai-

sagem familiar e a recordar fatos e figuras, com seu conteúdo de sonho e realidade, seu recorte pitoresco ou sentimental, de tudo isto construindo belas narrativas onde não falta interesse literário."

Afonso Schmidt: "Olhai as Aves do Céu" é um livro diferente. Pertence ao escasso número daqueles que eu leio no meu gabinete particular."

É a seguinte a relação de suas obras: "O Órfão", novela, 1931; "Sino Quebrado", contos, 1933; "O Desertor", contos e novelas, 1935; "Recordações", contos e novelas, 1936, "Presépio", contos e novelas, 1938; "De Viriato a Salazar", história de Portugal, 1939; "Senhor Comendador", pequenos romances, 1940; "Novelas Trasmontanas", contos e lendas,

1942; "Olhai as Aves do Céu", romance, 1943; "Contos da Bairrada", crônicas de aldeia, 1945; "Rapsódia do Minho", cenas e tipos, 1947; "Castigo", romance, 1948; "Minha Vida bem Contada", romance, 1949; "Os filhos não Têm Culpa", romance, 1950. "Vaidade e Aflição", romance, 1951. Colaborou ainda no "Dicionário Enciclopédico da Sabedoria", organizado por A. Della Nina, obra para a qual coligiu 37 pensamentos de autores célebres.

O autor ofereceu a MILITIA uma coleção de vários de seus livros. Deixou de dar alguns que se acham esgotados. Dos livros doados à revista, extraímos e publicamos em outro local desta edição "O Burro e o Porco", um dos "Contos da Bairrada".

(1) "Danças Folclóricas", in MILITIA n.º 65, setembro/outubro de 1956, página 35.

(2) "Danças Folclóricas Brasileiras e a Crítica especializada" in MILITIA n.º 77, setembro/outubro de 1958, página 42.

# CONSUMIR PRODUTOS NACIONAIS



É UM DEVER DE PATRIOTISMO

É AJUDAR A LIBERTAÇÃO  
ECONÔMICA DO BRASIL

É CONTRIBUIR PARA O  
DESENVOLVIMENTO DA  
NOSSA PRODUÇÃO

# A Força no Combate ao Cancro Cítrico

cap. Sérgio V. Monteiro

Vários louros tem conquistado a Força Pública fora do setor policial militar, que constitui a sua missão específica. A obra da milícia, no combate ao mal de Chagas, relatada em nota anterior, acrescentaremos, hoje, a sua luta na erradicação do cancro cítrico.

O cancro cítrico, causado por bactérias de grande virulência, denominadas "Xanthomonas citri", inutiliza as plantas cítricas para o consumo. Ora, a região constatada pelo Instituto Biológico da Secretaria da Agricultura como atingida, situava-se na Alta Sorocabana (cêrca de 20 municípios) e contava com aproximadamente 700.000 plantas cítricas.

## A AÇÃO: PRIMEIROS PASSOS

Urgia destruir o mal, erradicando-o para que não atingisse cerca de 12 milhões de pés, de outras regiões do Estado, o que acarretaria um prejuízo avaliado em 2 bilhões de cruzeiros.

Face a essa situação, o govêrno do Estado, com fundamento em dispositivos legais de defesa sanitária vegetal (art. 5.º, n.º XIII, da Carta Magna, e decreto 24 114 de 12-IV-1934), dispôs-se a enfrentar o problema.

Inicialmente foi assinado um convênio (Diário Oficial de 12-IV-1956) entre o Estado de São Paulo e o govêrno da União. A seguir o Ministério da Agricultura declarou zona in-

terditada a região cítrica atingida, o que permitiu ao governador (memorando 2060 de 30-X-957) determinar as necessárias medidas para a execução do plano proposto pelos técnicos da Secretaria da Agricultura.

## NA F.P.: GRUPAMENTO ESPECIAL

O Estado Maior da Força Pública integrou-se inciatamente no plano, criando o Grupamento de Erradicação do Cancro Cítrico, com efetivo de 400 homens, sob o comando de um oficial superior.

A par das providências administrativas, outras de real interêsse foram tomadas pelo comandante do Grupamento.

Oficiais, convenientemente instruídos, iniciaram prontamente uma espécie de levantamento sociológico da região. Dêsse primeiro contato ressaltou logo a importância econômica da quella zona rural, o enraizamento folclórico e uma certa resistência dos habitantes da região às medidas governamentais de erradicação dos pomares.

## A LUTA: INTEGRAÇÃO NO MEIO

Diante dêsse panorama pouco acothedor, onde se mesclavam alguns interêsses políticos com a falta de esclarecimentos da população, o coman-

dante do Grupamento adotou medidas que prepararam a chegada da tropa. Foram feitas conferências, palestras e cartazes. Aulas foram cuidadosamente ministradas sobre o assunto.

Com a ajuda do rádio, imprensa, professorado, funcionalismo e do clero, houve intensa preparação psicossocial. Os oficiais, sargentos e soldados chegaram mansamente à população amiga. Adotaram hábitos caboclos, usaram vestimentas da região, imitando-se aos donos da terra.

O nosso caboclo trabalha no feitiço e "guarda" o dia santo. Pois bem, dia 15 de novembro duas turmas do Grupamento, após singela cerimônia de hasteamento da bandeira, vestidos com largos macacões e chapéus de palha, iniciaram o trabalho.

O linguajar pitoresco e às vezes irreverente, as horas de labuta e o respeito às credices populares, tornaram o nosso homem parte integrante da região. Um mês depois não havia casamento, festa ou churrasco onde o Grupamento não estivesse presente. Mas o trabalho prosseguia.

### PRIMEIRO ENTRAVE EMPIRISMO

Poucas plantações obedeciam a um plano racional. Daí a grande dificuldade em erradicá-las. Eram, na maioria, grandes árvores de 20 ou 30 anos, com enormes e longas raízes. E o cancro só seria exterminado com a erradicação completa.

A energia no trabalho, o conhecimento da lei e o altruísmo da tropa do Grupamento ampliaram favoravelmente os horizontes. Nossos médicos percorriam os postos de serviços, levando a assistência médica e sanitá-

ria, mais à população rural que propriamente aos nossos rijos soldados.

Os enfermeiros, orientados pelo Serviço Farmacêutico da Força Pública e pelos médicos do Serviço de Saúde da corporação, atendiam intermináveis filas de necessitados, distribuindo remédios, orientando, tratando e assistindo a todos.

O comandante estabeleceu contatos com vários laboratórios obtendo amostras de remédios. A missão do Grupamento ultrapassou seus próprios limites numa cruzada de paz e assistência social.

O governador, em face do alcance das iniciativas do pessoal da Força Pública, determinou que se fizessem observações referentes aos transportes na região, às condições sanitárias e hospitalares, aos edifícios públicos, às condições agrícolas e pastoris. Relatórios foram feitos e providências urgentes foram tomadas sob a orientação da Força Pública.

O Grupamento foi crescendo na admiração da população rural. Se de um lado cortavam, arrancavam e queimavam as plantas doentes, de outro, ouviam, ajudavam, curavam e distribuíam a todos, os benefícios da civilização e da ciência.

### ERA UMA VEZ...

Houve casos pitorescos. Certa feita um pobre velho não concordava com a retirada de sua laranjeira. Ele a plantara quando nasceu o filho primogênito. Aquilo era parte de sua vida. Arrancá-la? Jamais! Um subtenente ficou com a família vários dias. Com amizade, carinho e compreensão tudo se arranjou. O velho foi visitar uma filha e os outros filhos ajudaram no ser-

viço. No local ficou outra árvore bonita bem plantada.

Sucederam-se os casos. Até uma trepadeira de estimação foi poupada. Vieram os técnicos do Instituto Biológico, estudaram e solucionaram o caso, com nova substituição de árvore.

Aliás, por sugestão do comandante do Grupamento, várias mudas substituíram, plantadas pelos nossos homens, as velhas e doentes árvores arrancadas.

#### A MARGEM DAS LARANJEIRAS

Aproveitando a penetração e a saída receptividade ao pessoal da Fôrça Pública, foram desenvolvidas várias campanhas paralelas de longa repercussão social. O Grupamento distribuiu milhares de cartilhas com grande interesse da população rural.

Em coordenação com o Serviço de Profilaxia da Lepra de Presidente Prudente distribuímos farto material educativo relacionado ao mal de Hansen. Dessa Campanha esclarecedora resultou o internamento de 28 doentes.

Havendo a incidência do "barbeiro" em várias regiões foram providenciados junto à Secretaria da Saúde os recursos necessários e atacado o mal.

Finalmente o Grupamento organizou uma colossal festa de Natal para o pequeno rural, dando ao fato alta expressão de solidariedade humana.

Outros setores da Fôrça Pública como o Corpo de Policiamento Florestal e o Corpo de Policiamento Rodoviário, estabeleceram um verdadeiro cinturão de segurança na zona interdada, não permitindo a saída de frutas ou mudas contaminadas.

Sob o comando do ten. cel. JAIMÉ DOS SANTOS e posteriormente do ten. cel. DIVO BARSOTTI, três capitães, 1 oficial médico, 12 tenentes, 34 subtenentes e sargentos, 400 cabos e soldados e vários enfermeiros e motoristas, o Grupamento venceu galhardamente a luta. Um total aproximado de 300.000 árvores foram erradicadas e o Grupamento cobriu mais de 20.000 km<sup>2</sup> do território Paulista.

Merecem ainda especial menção a equipe de técnicos e agrônomos do Instituto Biológico, chefiada pelo dr. Paulo Nóbrega e dr. Celso Oliveira Santos, engenheiro fito-sanitarista da região.

A Fôrça Pública foi paulatinamente substituída no trabalho, após 13 meses de atividade operosa. Lá ficaram inúmeros amigos. Muitos militares constituíram família na região. Um pedaço da Fôrça Pública lá ficou. Mas sobretudo, na lembrança de cada um ficou a consciência de um trabalho realizado.

Mais uma vez a missão foi cumprida integralmente!

---

### CENTRO DE ESTUDOS MÉDICOS

O Centro de Estudos Médicos da Fôrça Pública de São Paulo está interessado no intercâmbio técnico-profissional e cultural com as organizações congêneres e oficiais médicos das Polícias Militares.

Correspondência: Rua João Teodoro, 307 — SÃO PAULO, SP.

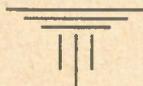
# Por um Instituto de Estudos Orientais

Prof. Paulo Henrique

O Brasil é muito mais que um país latino. Celtiberos, árabes e germanos, tanto quanto romanos, são constituintes do português raiz-peão da nacionalidade brasileira. Mas também somos muito mais que europeus: e cruzamento do português civilizador com os índios e negros, raças tropicais que, com sua bravura guerreira e penetradora, e com seu trabalho, respectivamente, também criaram o Brasil. Mais tarde vieram eslavos, israelitas, sírios, mongóis. Se gruparmos os povos da Terra em dez principais, por critérios importantes vários, desde o número puro e simples até a cultura, lembraremos estes: latinos, germanos, eslavos, árabes, judeus, negros, ameríndios, mongóis, índus e malaios. Na etnia brasileira só faltam êsses dois últimos elementos. Acontece, entretanto, que os indus são o grupo étnico dominante na Guiana Inglesa e os javaneses (malaios), o grupo maior da Guiana Holandesa. Atraídos pelas nossas leis trabalhistas, pela harmonia racial aqui existente, pela brandura do povo brasileiro (os orientais são, em geral, povos delicados e finos; estimam essa bondade e mansuetude, bastante comuns no brasileiro da hinterlândia) e, sobretudo, pelas amplas perspectivas de prosperidade que nos animam, muitos guianos estão entrando no Brasil. Essa imigração pelas fronteiras tende a crescer bastante com a execução das grandes obras públicas e melhoramentos sanitários, assistenciais e culturais, que o governo federal projeta. Assim, em breve, teremos aqui representantes de todos os grupos raciais do planeta. Com as influências naturais de tais grupos, que vão da cozinha à música, do temperamento aos métodos de trabalho, o Brasil talvez venha a ser, em breve, sem prejuízo das raízes originais de nossa formação étnica e cultural, a primeira civilização «universalizada», por assim dizer, e, também com alguma ênfase, a primeira «cultura integral» da história. Não só para bem compreendermos êsse sangue novo que vem entrando no Brasil, como para estreitarmos os nossos laços de estima com todos os povos, pareceria de bom alvitre um Instituto para aproximar nossos universitários das línguas, religiões, artes, filosofia, normas políticas e modos de vida das imensas nações do oriente. Só a China, Japão e Índia somam mais da metade da Humanidade toda! A ilha de Java tem a população do Brasil! Que sabemos da história desses povos? Nossa «História Universal», como de resto tudo o que sabemos, refere-se ao mundo ocidental, praticamente. A Pérsia, o

Egito, a Africa do Norte, a India, a China, a Indonésia, o Sudeste Asiático, a Coréia, a Mandchúria, a Mongólia, a Sibéria — aí estão duas terças partes da Humanidade das quais quase não compramos e às quais quase não vendemos. Pouco sabem eles de nós e nós deles, na era do avião e dos «robots». O Brasil, fruto de ampla miscigenação de povos, é, sem dúvida, o mais credenciado elo que o destino forjou para unir o ocidente ao oriente. Até a nossa descoberta está vinculada à procura de um caminho cômodo entre a Europa e o oriente. E hoje, milhões e milhões de brasileiros tem no sangue, no nome e na alma, a marca dos quatros continentes. Que o Instituto de Estudos Orientais que aqui sugerimos com seus Departamentos de estudos árabes, hebraicos, indus, malaio-polinésicos, mongólicos, persas etc., para os quais demandariam muitos de nossos alunos dos cursos de Artes, Filosofia, Ciências, Letras, Direito, Teologia, Economia, Política e Administração seja mais que um elo de cultura, um elo também de afeto e compreensão. Uma aventureosa ponte sôbre o abismo que os forjadores de guerra desejavam cavar entre os povos do ocidente e do oriente. Pois, se somos cristãos e usamos alfabeto latino, é do oriente que vieram as sementes das nossas mangueiras, abacateiros e laranjeiras; as mudas da cana-de-açúcar e do café; árabes são muitas das palavras que proferimos diariamente, e nosso sistema de numeração. Os brasilíndios, seja pela «hipótese malaio-polinésica», seja pela «teoria mongólica», têm o umbigo prêso à velha Ásia

# CONSUMIR PRODUTOS NACIONAIS



É UM DEVER DE PATRIOTISMO

É AJUDAR A LIBERTAÇÃO  
ECONÔMICA DO BRASIL

É CONTRIBUIR PARA O  
DESENVOLVIMENTO DA  
NOSSA PRODUÇÃO

# No mundo das letras

\* \* \*

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

*LEX*, coletânea de legislação — São Paulo, fascículo 13, 1.ª quinzena de julho, 1959. Redação: Pedro Vicente Bobbio; assistente de redação: Geraldo Emídio Pereira.

*REVISTA BRASILEIRA DE QUÍMICA*, ciência e indústria — São Paulo, n.º 283, julho de 1959. Fundador, proprietário e diretor-redator: Antônio Furia; diretor substituto: Zuila Belfort Furia; diretor de publicidade: Natalino Salvia.

*ESSEPEVÊ*, da Diretoria de Rotas Aéreas — Rio de Janeiro, n.º 26, julho de 1959. Supervisor: ten. cel. av. Paulo G. Ribeiro; superintendente: Otacília M. S. Amazonas; secretário geral: José Fernando Cristelo Pinheiro.

*NOSSA ESTRADA*, mensário de cultura ferroviária — São Paulo, n.º 253, julho de 1959. Diretor: Naime Bussamara; redação e gerência: Sílvio Frezza.

*REVISTA DOS JORNALISTAS LIBERAIS*, do Sindicato dos Jornalistas Liberais do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro, vol. II, n.º III, julho de 1959. Diretor responsável: Carlos Eiras; editor e redator secretário: Gilberto Duarte; consultor jurídico: Aluisio Barata; redator chefe: Vítor Mariano.

*FUERZAS ARMADAS DE VE-NEZUELA*, do Ministério da Defesa

— Caracas, n.º 153, março de 1959. Diretor: cel. Raul Antonio Croce Roa; chefe de redação: cap. Enerio Gonzalez Medici.

*A DEFESA NACIONAL*, revista de assuntos militares e estudos brasileiros — Rio de Janeiro, n.ºs 538 a 540, maio, junho e julho de 1959. Diretor presidente: gen. João Batista de Matos; diretor secretário: cel. Airton Salgueiro de Freitas; diretor gerente: ten. cel. João Capistrano Martins Ribeiro.

*REVISTA MILITAR BRASILEIRA*, da Secretaria do Ministério da Guerra — Rio de Janeiro, vol. LXIX, janeiro a junho de 1959. Diretor: gen. João Batista de Matos; subdiretor: cel. Firmino Lages Castelo Branco; secretário: ten. cel. Roberto Sattamini Ferreira.

*ARQUIVOS BRASILEIROS DE MEDICINA NAVAL*, da Diretoria de Saúde da Marinha — Rio de Janeiro, n.º 72, janeiro a março de 1959. Diretor: vice-alm. dr. Valdir Caldas Pires; redator chefe: cap. de fragata dr. Armando da Silva Rebelo; secretário: cap. ten. dr. Fernando Barreira.

*AÇÃO DEMOCRÁTICA*, boletim mensal do Instituto Brasileiro de Ação Democrática — Rio de Janeiro, n.ºs 2 e 3, julho e agosto de 1959. Distribuição gratuita. Diretor responsável: Sérgio D.T. Macedo.

# Castelos

*Se eu tivesse um só dia  
(Meu sonho já esmaece)  
Os prelúdios da poesia  
E a grandeza de uma prece*

*Se eu possuísse a bontomia  
Da santa paz que engrandece,  
Quanta ventura teria  
O pobretão que padece!*

*Dessa graça imerecida,  
Eu seria grande e nobre,  
Com loas em tôda a vida  
Apesar de muito pobre!*

*O se eu pudesse, Senhor,  
Merecer essa riqueza,  
Confesso-Lhe com fervor:  
Morreria, com certeza!*

Cap. Mateus F. de Mour

# Prevenção Contra Fogo

Pretendemos neste singelo trabalho, abordar um tema que se nos apresenta de capital importância, não só para proteção do nosso parque industrial mas também como elemento capaz de redução de despesas nos estabelecimentos comerciais e industriais.

Começemos definindo prevenção contra fogo, que julgamos ser um conjunto de normas, cuidados e aparelhos que têm por fim impedir a eclosão de um incêndio ou reduzir ao mínimo suas conseqüências.

É a prevenção tão importante que as companhias de seguro oferecem descontos que variam de 5 a 75% aos estabelecimentos que possuem meios adequados de prevenção contra fogo.

No Brasil, infelizmente, este problema é relegado a plano secundário pela maioria dos responsáveis por estabelecimentos comerciais e industriais. Em viagem que tivemos oportunidade de realizar por países da Europa e E.E. U.II. da América do Norte, pudemos observar o cuidado com que os órgãos públicos o encaram.

Sob certo aspecto, é perfeitamente compreensível a razão desse descaso para com a prevenção em nosso país, já que nos falta uma legislação adequada que obrigue a existência de meios de prevenção nos edifícios onde seja comum o aglomerado de pessoas; as condições climáticas, o tipo de construção e condições de vida do nosso povo são outros elementos a influir decisivamente no pouco valor dado, no Brasil, à prevenção contra fogo.

Samuel Rubens Armond

Capitão

A instalação de meios de prevenção e extinção de princípios de incêndios representa sempre um gasto considerável, de vez que é sempre material caro e que exige um treinamento para os encarregados do seu manejo; gasto em estabelecimentos industriais e comerciais, a não ser que represente aumento de produção, é sempre recebido pelos responsáveis com reserva, motivo pelo qual, na maioria dos casos, limitam-se eles a dispender o mínimo possível, ainda mesmo que esse mínimo não preencha as necessidades do local. Em resumo, estabelecem uma prevenção fictícia, apenas para dizer que possuem algo, não se preocupando em saber se o estabelecimento oferece ou não condições de segurança para os seus usuários.

Se tivéssemos uma legislação adequada ou se a pouca que existe regulando o assunto, fôsse cumprida, não teríamos a lamentar o desastre ocorrido há anos atrás no "Clube Elite 28", na rua Florêncio de Abreu, onde várias vidas se perderam só porque o local estava com excesso de lotação e as saídas, ou melhor, a única saída, estava bloqueada por um guichê onde se cobravam ingressos. Note-se que nessa trágica ocorrência não havia fogo no salão e sim um pequeno princípio de incêndio, em um estabelecimento comercial, na parte baixa. A tragédia foi motivada apenas pelo pânico que se apos-

sou dos freqüentadores do local; tanto isso é real, que não foi encontrado um só cadáver queimado; todos esmagados. Outro exemplo que poderíamos citar do perigo a que estão expostos os usuários dos prédios de vários andares, é o do incêndio havido no Edifício Ibis, na av. São João, 1313, no qual perto de 150 pessoas ficaram presas no prédio que teve sua escada completamente bloqueada pelo fogo e pela fumaça, obrigando o Corpo de Bombeiros a um trabalho imenso para efetuar a retirada do pessoal.

O problema dos chamados prédios de apartamentos, no que tange às saídas de emergência, ainda, infelizmente, não foi devidamente considerado, não só pelos poderes públicos, como também pelos construtores e proprietários.

Num prédio de vários andares, que possua, suponhamos, dois elevadores, encontraremos sem dúvida uma escada que, as mais das vezes, é construída ao redor do poço do elevador, o que quer dizer que, no caso de um incêndio, este funciona como chaminé, elevando a fumaça e o calor para os andares de cima e, como a escada é construída ao redor do elevador, ficará, logicamente, tomada de fumaça e calor, também.

Até alguns anos atrás, os prédios de vários andares, nos E. E. U. da América do Norte, eram dotados do conhecido "Fire Escape" que nada mais era que uma escada de madeira ou metal construída na parte externa do prédio, de maneira a permitir a passagem de um andar para outro. Esse artifício está hoje superado, pois apresenta os inconvenientes de também poder ser bloqueado pelo fogo que saia por uma das janelas, facilitar o acesso de pes-

soas estranhas ao prédio e prejudicar a parte estética do edifício.

Essa escada externa é hoje substituída por outra construída no próprio corpo do edifício, estanque, de maneira a não permitir seja tomada por fogo ou fumaça; essa escada tem iluminação e ventilação independente, que torna praticável na maioria dos casos.

Tal prática no Brasil, se não exigida por lei, é inexecúvel pois encontraria tremenda oposição por parte dos proprietários dos prédios já que o número de metros quadrados perdidos seria bastante grande e conseqüentemente, redundaria em prejuízo.

Nos estabelecimentos industriais e comerciais principalmente, é onde se faz sentir mais o problema do incêndio e, portanto, maior cuidado se deveria dedicar à prevenção.

Com raras exceções todo incêndio começa pequeno e, em função do combustível encontrado, será sua propagação mais ou menos rápida.

Ora, dispondo o estabelecimento de meios primários de extinção — extintores portáteis, baldes de areia ou água — poderá um principio de incêndio ser extinto tão logo seja notado ou, quando não, ter sua propagação reduzida até à chegada do Corpo de Bombeiros no local.

A propagação de um incêndio pode ser evitada ou diminuída se o estabelecimento dispuser de portas ou paredes corta-fogo, se o armazenamento de material for feito dentro de normas razoáveis como sejam: pilhas ocupando áreas reduzidas, com corredores separando umas das outras e de altura tal que sua parte superior esteja no mínimo a um

(Conclui na página 45)

# Tombaram mais dois bombeiros no desempenho de suas funções

**M**AIS DOIS bombeiros sucumbiram no cumprimento do dever. O primeiro foi o sgt. José Luís Silva Leite, falecido no dia 1.º de julho no hospital, em consequência de acidente ocorrido dias antes na Via Anchieta. Cêrca de 15 dias depois, foi o soldado José de Oliveira, que morreu ao socorrer uma pessoa presa num apartamento.

## SOLENIIDADES SUSPENSAS

A morte do sgt. José Luís coincidiu com os preparativos para as comemorações do «dia do bombeiro». Mais de 100 componentes do Conjunto Musical da Fôrça deveriam participar dos festejos, que constariam ainda de vários atos. A tragédia impediu que se cumprisse o programa. Assim, as comemorações restringiram-se ao hasteamento da bandeira e à missa celebrada pelo capelão militar da corporação, monsenhor cel. Paulo Aurissol Cavalheiro Freire, na capela de Santo Expedito.

## O ACIDENTE DA VIA ANCHIETA

Era domingo. O auto-tanque regressava de missão rotineira de prevenção contra fogo, no alto da serra do Mar. Tudo ia bem, até que um automóvel, em grande velocidade, obrigou a viatura a desviar-se, para evitar colisão. O veículo dos bombeiros foi de encontro a um barranco e seus ocupantes sofreram ferimentos. Um ds feridos foi o sgt. José Luís, que morreu dias depois.

A vítima esperava sua reforma dentro de meses. Antigo bombeiro, com 20 anos de serviço contínuo, preparava-se para regressar a Goiás, de onde viera em 1933. A morte o impediu, precisamente na véspera do «dia do bombeiros». Como homenagem da Câmara Municipal paulistana, uma rua desta capital deverá receber o nome de «Sgt. José Luís da Silva Leite».

## A OUTRA VITIMA

Os bombeiros e o povo de São Paulo ainda não se haviam refeito da tragédia, quando se deu a segunda ocorrência trágica do mês. O Sd. José de Oliveira correu com sua guarnição para um edificio de onde vinha um pedido de socorro. Uma mulher ficara presa num apartamento e pediu a intervenção dos soldados do fogo.



metro abaixo do travejamento do telhado; separando os artigos pela sua natureza, de molde a não colocar no mesmo depósito material que obrigue o emprêgo de meios diversos de extinção, etc.

Como se pode verificar, não é difícil a execução de medidas de prevenção de incêndio, pois, por mais simples que elas sejam, sempre obteremos um resultado satisfatório, condizente, é lógico, com a amplitude das medidas tomadas.

Para finalizar, resta-nos falar muito ligeiramente sobre outro aspecto do problema que, sem a menor dúvida, representa 50% do sucesso das medidas e meios de prevenção adotados. Queremos nos referir ao pessoal devidamente treinado para operar com o material, na ocasião do sinistro.

Indubitavelmente, todas as pessoas compreendem que não se pode querer

trabalho correto se o executante desconhece o uso do material com que vai agir. Assim é, que todo estabelecimento que possua material e meios de extinção e de prevenção de incêndios, deve ter uma parte de seus funcionários, na impossibilidade de serem todos, convenientemente habilitados a fazer frente a um princípio de incêndio.

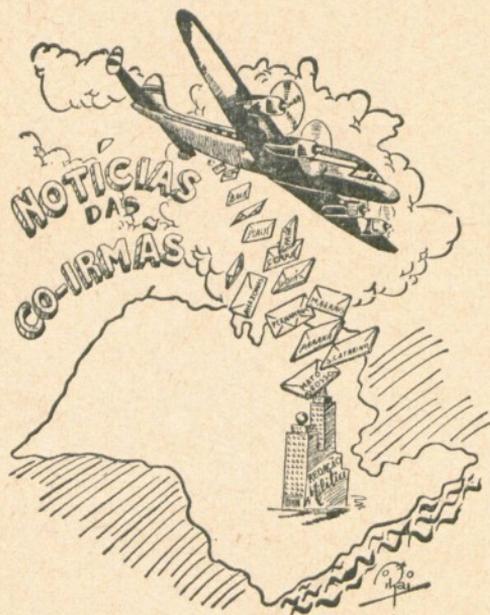
Com raras exceções, já o dissemos, todo incêndio começa pequeno e se puder ser extinto rapidamente, os prejuizos serão sensivelmente reduzidos; tal só poderá ser conseguido com a presença de homens treinados para esse mister.

Este trabalho desprezencioso é feito com base em estudos, observações e experiência de 13 anos de serviço no Corpo de Bombeiros de São Paulo, e nada mais faz do que externar pontos de vista pessoais, que desejamos transmitir, na expectativa de que possam ser úteis a alguém.

---

O trabalho era fácil, para José de Oliveira, já habituado a serviços daquela natureza. Num instante, a escada foi armada e o soldado subiu com agilidade. Mas por infelicidade, partiu-se um dos degraus, quando o bombeiro o pisou. Caiu da altura do terceiro andar e faleceu. Como no caso acima, era domingo.

Ambos os bombeiros receberam as homenagens de seus camaradas, do povo e das autoridades. Como das outras vezes, o povo acorreu à última despedida. Entretanto a vida no Corpo continua árdua e obscura como antes. Outros dois devem ocupar o lugar dos mortos e enfrentar os mesmos riscos.



Direção do Major  
Francisco V. Fonseca



## BAHIA

### TRANSFERIDOS PARA A RESERVA

Por ato do Governo do Estado, e a pedido, foram transferidos para a reserva remunerada, no pôsto imediato, os tens. ceis. Antônio Rodrigues de Sousa e Gerson Aureliano Alves. Comandavam, respectivamente, o 3.º Batalhão de Polícia, aquartelado em Juazeiro, e a Escola de Formação de Oficiais. O primeiro teve um passado de apreciáveis serviços prestados à causa pública, especialmente como autoridade policial, de feitos em que sempre se distinguiu pela honradez, coragem e espírito público. O cel. foi mais um instrutor e administrador, dedicado à formação dos quadros, salientando-se pelo seu espíri-

to empreendedor e incansável, à frente de organizações de tropa e serviços, bem assim de estabelecimentos de ensino, como a Escola de Formação de Oficiais, onde últimamente vinha ocupando as funções de comandante e diretor de Ensino.

### CAIXA DE ASSISTÊNCIA E RECREAÇÃO PARA O ESTUDANTE MILICIANO

No Colégio da Polícia Militar, o seu comandante, major Edson F. Queiroz, vem de criar e organizar a Caixa de Assistência e Recreação do Estudante Miliciano (Carem), destinada a auxiliar os que ali recebem instrução secundária na aquisição de uniformes, material didático, bem assim assistência social e cultural. Sendo o Colégio gratuito,

a Caixa suprirá as necessidades de bem-estar social indispensável aos alunos, através de contribuições espontâneas dos diretores, professores e pais dos alunos, além dos oficiais, sargentos e praças de toda a corporação. A CAREM é administrada por um Conselho Administrativo, presidido pelo comandante, tendo como membros: capitão Antônio Factum Pita, fiscal-relator; 1.º ten. Gildo Ribeiro, secretário; professor Benedito Araujo, assistente pedagógico; aluno Augusto Rodrigues Filho, procurador dos alunos; aluno José Carlos de Araujo Kuim presidente do Grémio e representante do corpo discente; e 2.º ten. Jurandir Kuim de Sousa, tesoureiro.

#### TAÇA «GOVERNADOR JURACI MAGALHÃES»

O Colégio da Polícia Militar e o Colégio Militar do Salvador, disputaram, êste ano, a taça «Governador Juraci Magalhães», instituída pela Secretaria de Educação e Cultura jogando bola ao cesto e futebol. No embate de cestobol, saíram vitoriosos os alunos da Polícia Militar, na quadra do próprio C.M.S., no dia 2 de julho, por ocasião do aniversário do colégio do Exército. No futebol, realizado na praça de Esportes da Vila Militar do Bomfim (Polícia Militar), as equipes empataram por 1 x 1. Assim ficou o troféu com os alunos do Colégio da Polícia Militar, o qual no dia 25 de agosto foi entregue pelo cel. J. Uchôa, comandante do C.M.S., ao cap. Antônio Factum Pita, que na época respondia pelo comando do C.E.P.M..

#### RINQUE E PARQUE INFANTIL NO CLUBE DOS OFICIAIS

Continuando o desenvolvimento do Clube dos Oficiais, seu presidente cap. Heitor Sena Gomes, conseguiu construir o rink, bastante amplo e interessante, bem assim deu uma melhor apresentação ao Parque Infantil, anexo ao Clube. A inauguração de tais melhoramentos contou com a presença do governador Juraci Magalhães, secretário prof. Lafaiete Coutinho, cel. Antônio Medeiros de Azevedo e outras autoridades e pessoas gradas.

#### INSTALADO O CORPO DE SERVIÇOS AUXILIARES

Foi instalado na Vila Militar do Bomfim com a conveniente adaptação das antigas baias do extinto Esquadrão de Cavalaria, o Corpo de Serviços Auxiliares, sob a direção do cap. Romenil Meireles. Nessa organização funcionarão todas as oficinas, que anteriormente funcionavam no Q.C.Q., como Alfaiataria, Carpintaria, Tipografia, Mecânica, Ferraria, Pôsto de Lubrificação e Abastecimento de Viaturas, etc..

#### DISTRITO FEDERAL

##### MEDALHA DO EXÉRCITO PARA BOMBEIRO

Pela primeira vez, em 105 anos

O soldado Ledmar de Araujo Melo, do 1.º Grupamento de Incêndio, recebeu das mãos do seu comandante, cel. Sousa Aguiar, a Medalha do Pacificador, com que foi agraciado pelo mal Teixeira Lott, ministro da Guerra, pelos assinalados serviços prestados ao Exército,

por ocasião da segunda explosão verificada nos paióis de Deodoro, no dia 2 de outubro do ano passado.

### Recordando a explosão

O fato inédito de um soldado do fogo ser condecorado pelo Exército — pois tal não acontecia desde os 105 anos de existência do Corpo de Bombeiros — fez com que a reportagem ouvisse o soldado Ledmar, que mora no subúrbio de Anchieta, relembrando fatos da catástrofe de Deodoro e da participação do nosso herói nos acontecimentos então verificados. Disse êle que, ao sair do serviço, se dirigia para sua residência, mais ou menos às 12,30 horas, quando ao atingir o ônibus em que viajava a estação de Coelho Neto, notou que o trânsito estava sendo desviado. Inteirando-se dos motivos que haviam ditado aquela medida, veio a saber que os paióis de Deodoro estavam, mais uma vez explodindo.

### Voluntário

— «Embora estivesse de folga, para lá me dirigi. No local já se encontrava o cel. Sousa Aguiar, que dirigiu pessoalmente os trabalhos dos bombeiros, e a quem me apre-

sentei. Fui designado para trabalhar às ordens do cap. Jorge, do setor marítimo da corporação. Êle, eu e mais um capitão do Exército e o cabo 610, tomamos um jipe e nos dirigimos para as proximidades do foco principal das explosões a fim de salvar as mangueiras e mochar o paiol principal. Entretanto quando nos aproximamos, êle explodiu».

### Inferno

Enquanto os paióis explodiam transformando Deodoro num inferno de fogo, nós avançávamos e nos pusemos a trabalhar, numa tentativa de evitar que a tragédia aumentasse de proporções, o que ocorreria se explodissem outros paióis de munições. Estilhaços de granadas cruzavam-se no ar e esburacavam os telhados das casas, muitas das quais eram destruídas. A população fugia em pânico. Mas não tivemos medo. Da Fundação da Casa Popular retirei uma senhora de 90 anos, surda e paralítica, que havia sido abandonada. Trabalhamos até às 6 horas da manhã do dia seguinte, quando só faltava rescaldar o local. De longe, podia-se apreciar o triste espetáculo, de famílias que fugiam, carregando tudo o que podiam».

## MINAS GERAIS

### J. K. CORONEL DA RESERVA

A passagem para a reserva, no posto de coronel médico da Polícia Militar, do sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, foi precedida de brilhante solenidade, que teve lugar no quartel do D. I., no dia 25 de julho último. Numerosíssimo público ali compareceu, desejo de presenciar a despedida do antigo oficial miliciano, que chegou a ocupar altos postos na administração mineira e na atualidade, a presidência da República.

### A CHEGADA

O Presidente Juscelino Kubitschek desceu no aeroporto da Pampulha, em companhia do gen. Nelson de Melo, de todos membros de sua Casa Militar e do prof. Pedro Calmon Penido, reitor da Universidade de Minas Gerais. Depois das saudações do governador Bias Fortes, o chefe do governo recebeu as continências de estilo de um contingente militar formado por elementos do Departamento de Instrução, do Batalhão de Guardas,

do 5.º Batalhão de Policiamento Ostensivo e do Regimento de Cavalaria, que formaram ao longo da av. do Contorno, próximo à praça Clemente de Faria

#### A SOLENIDADE

Ante numerosa assistência, o cel. Assunção de Sousa, comandante geral da Polícia Militar, deu início à solenidade, procedendo a leitura do decreto de concessão da Medalha de Prata pelos trinta anos de serviços prestados à corporação pelo ten. cel. Juscelino Kubitschek, e também de outro decreto de concessão da Medalha Militar, referente ao movimento armado de 1932. O patreio do ato, gen. Américo Braga, comandante da 4.ª Região Militar, colocou a medalha no peito do homenageado. Em seguida o cel. Adolfo Drubsek, chefe da Casa Militar do Governador Baía Fortes, procedeu a leitura do ato de transferência do ten. cel. médico Juscelino Kubitschek para a reserva no posto de coronel.

#### BOLETIM ESPECIAL

A solenidade terminou com a leitura do Boletim Especial n.º 5 do comandante da Polícia Militar, alusivo à transferência, o qual assim concluiu: "A Polícia Militar de Minas, mãe centenária e extremosa de quantos lhe honraram as fileiras, ao trazer-lhe suas despedidas e os votos sinceros de um futuro próspero e feliz, rende-lhe, desvanecida, o preito de seu reconhecimento, e não vê referência mais ajustada à sua conduta militar, do que tomar como suas, as palavras candentes com que a mão de George Washington o recebeu, coberto de honras e glória, após as famosas campanhas libertárias: "Filho meu, sou feliz por teres cumprido tão bem o teu destino".

#### NO HOSPITAL DA P.M.

Em seguida, o presidente da República inaugurou o Departamento de Radiologia "Presidente Juscelino Kubitschek", no Hospital da Polícia Militar, dotado de três aparelhos de raios X, o qual a-

gora atende oficiais e praças da Polícia Militar, além de seus familiares.

O arcebispo auxiliar, d. Rezende Costa, benzeu os novos aparelhos, tendo, após, o ten. cel. médico Bolivar Drumond, diretor do Serviço de Saúde, pronunciado um discurso saudando o chefe do governo.

#### O AGRADECIMENTO

— É com emoção — disse o presidente Juscelino Kubitschek — que me despeço dos meus caros companheiros da Polícia Militar. Durante tantos anos, na minha qualidade de oficial médico, fui um dos vossos, integrado nesta Força, vivendo os seus problemas, participando de suas lutas, empenhando-me em bem servir. Durante muitos anos — faço parte deste quadro desde 1931 — vivi na intimidade de nossos camaradas de farda, oficiais e soldados, aprendendo a conhecer as qualidades, o devotamento, o espírito de sacrifício dos que tanto contribuíram para tornar respeitada e querida a nossa querida corporação. Podemos orgulhar-nos do uniforme que vestimos, pois, graças a um crescente aperfeiçoamento do espírito que nos anima, através do tempo e em consequência de um progresso não apenas técnico-militar, mas também resultante de uma consciência cada vez maior de nossa missão, nos tornamos autênticos servidores da ordem pública, da justiça e da paz social. No momento em que encerro oficialmente a minha carreira nesta corporação depois de ter sido, também, seu chefe como governador do Estado, posso proclamar, com a mais íntima alegria, que logramos uma grande vitória, fazendo a Polícia mineira atingir a plenitude dos seus objetivos. Coloca-se esta corporação rigorosamente a serviço da lei, e com a evolução dos costumes políticos, estamos a salvo da contingência de nos submetermos ao mandonismo político de qualquer espécie, ou a qualquer forma de opressão. Ao contrário, estamos permanentemente mobilizados para manter a ordem, para garantir a liberdade, para não permitir que o sistema de franquias democráticas em que vivemos seja deturpado em suas nobres finalidades."

## PERNAMBUCO

### OFICIAIS ESTAGIARÃO NA P. M. D. F.

Uma das metas do atual comandante da Polícia Militar para o presente exercício é dotar a cidade do Recife de um serviço de polícia ostensivo, a exemplo do que ocorre no Distrito Federal. Atualmente, a capital pernambucana dispõe apenas, e exclusivamente, da Companhia de Rádio Patrulha para todos os serviços de vigilância, repressão e segurança, de um modo geral.

A Guarda Civil, apesar do empenho dos seus atuais dirigentes, não está correspondendo à expectativa. Diversos são os fatos que contribuem para essa situação, os quais não lograram ser superados. De qualquer maneira, quem quer que conheça o funcionamento de uma organização policial e entre em contacto com a realidade, dentro de pouco tempo chegará à conclusão de que não só o Recife, mas tôdas as cidades importantes do Estado são inteiramente despolicizadas.

Essa foi a impressão colhida pelo cel. Expedito Sampaio e nem poderia ser diferente. Tanto que o seu primeiro passo no Comando Geral da Polícia Militar, foi tornar realidade a Companhia de Guarda, criada por decreto do governo, há cerca de dois anos, porém, que ainda não fôra instalada por falta de numerário. A providência preliminar para a concretização dessa subordinada da PMP foi a seleção de um grupo de oficiais e graduados que irá fazer estágio de 30 dias na Polícia Militar do Distrito Federal, trabalhando junto aos «Cosme-Damião».

O referido grupo de militares é composto do cap. José Lopes de Moraes (futuro comandante da Companhia de Guardas) tens. Domingos Siqueira Campos, Leovigildo Maranhão e Solano Tenório; sargentos Carlos Marques Nogueira, Severino da Silva Batista, Antonio Cabral de Araújo e Luiz Alves de Magalhães. Êsses oficiais e graduados da P.M.P. viajaram para o Rio a fim de ser engajados na P. M. D. F.. Participaram de exercícios diários e contínuos, ao lado dos «Cosme-Damião», durante aquêlo espaço de tempo, a fim de adquirir conhecimentos completos e ficar conhecedores do funcionamento do serviço de polícia ostensiva como êle é executado no Distrito Federal.

Outra providência constará da abertura do alistamento para compôr o efetivo da futura Companhia de Guardas da P.M.P.. De acôrdo com o pensamento do coronel Expedito Sampaio, cerca de mil homens serão submetidos a rigorosos exames físico e intelectual, a fim de que sejam selecionados os futuros integrantes da nova subunidade. Como afirma o comandante geral da P.M.P., os principais requisitos para ingresso na futura Companhia serão: condição de reservista de 1.a categoria, solteiro, ter altura e físico e sobretudo instrução elementar.

O cap. José Lopes de Moraes, futuro comandante da Companhia de Guardas, reuniu os oficiais e graduados que iriam estagiar no Rio, acertando com êles as últimas providências e, bem assim, um programa de atividades.

# RIO GRANDE DO NORTE

## ESCOLA DE OFICIAIS

### Outra Turma de Aspirantes

Com a leitura do boletim em homenagem especial a CAXIAS, realizou-se no dia 25 de agosto, no quartel do Comando Geral da Polícia Militar do Estado, a solenidade de declaração de aspirantes, que vêm de concluir o Curso de Formação de Oficiais. De início teve lugar a missa em ação de graças, na igreja de Sta. Teresinha, no Tirol, celebrada por dom Eugênio de Araújo Sales, bispo auxiliar de Natal, seguindo-se o ato litúrgico da benção das espadas dos concluintes.

### Compromisso

Após a colocação de platinas pelas madrinhas, teve prosseguimento o compromisso dos aspirantes, entrega das espadas e dos certificados e atos atinentes aos festejos programados.

### Patrono

Os novos aspirantes que contituem a turma "Cmt. JOSÉ REINALDO", tiveram como patrono s. excia. o governador Dinarte de Medeiros Mariz, que fez entrega da espada e do certificado ao 1.º colocado, asp. Armino Medeiros de Aguiar, tendo seqüência os demais pelas autoridades presentes, a convite do cel. José Reinaldo, comandante geral da corporação. Constituem eles a maior turma de formandos até o presente — 17 aspirantes: Armino Medeiros de Aguiar, Aurelino Rodrigues de Oliveira, Francisco de Sousa Nunes, Francisco Fernandes da Silva, Francisco Pereira do Nascimento, Geraldo Bento de Sousa, João Galvão da Silva, João Soares de Medeiros, João Luís de França, José Lopes Fernandes, José Luís Soares, José Fernandes de Oliveira, Marcílio Pinto da Silva, Pedro Rodrigues dos Santos, Romildo Jorge da Costa, Valdomiro Fernandes da Costa e Virgílio Tavares da Silva.

## Paraninfo

Serviu como paraninfo o professor José Bonifácio de Carvalho, pronunciando importante discurso, que se seguiu do aspirante orador da turma, e por fim do cel. José Reinaldo, que em breves palavras agradeceu a presença das autoridades e convidados.

### Homenagem do Aero-Clube

A noite, nos salões do Aero-Clube do Rio Grande do Norte, a sociedade natalense prestou significativa homenagem à turma concluinte, recepcionando-a em suntuoso baile.

### Fala o orador da Turma

O asp. Armino Medeiros de Aguiar foi também o orador de sua turma.. Do seu discurso, destacamos este trecho, que vale como um relato evolutivo do Curso de Formação de Oficiais:

"Para realçar este ato, que justifica as grandes comemorações que hoje realizamos, rememorei, em rápidas considerações, o que foi e o que é, atualmente, o ensino neste Corpo.

Alcançando o seu centésimo vigésimo terceiro ano de vida pública, a nossa organização sempre foi consagrada à defesa da ordem jurídica e das instituições, O exercício útil das suas funções; as suas grandes conquistas morais dentro da sociedade; os seus assinalados serviços prestados ao Estado e à União, como também o valor histórico que ela representa na vida do Estado, tudo isto é motivo de orgulho para aqueles que servem nas suas fileiras.

Até o ano de 1929, não existiam cursos; a seleção dos valores era feita entre aqueles que demonstravam por seus atos certa capacidade para o desempenho das missões que lhes eram atribuídas, isto é, entre os oficiais e sargentos que pelos seus próprios estudos demonstravam ter atingido a certo grau de intelectualidade. Sobre estes recaíam as promoções, feitas naquele tempo, dentro de um quadro pequeno e em acôrdo com o valor da personalidade de cada um.

Nó ano em que marcou época nos  
anais de nossa história o comandante da  
Polícia Militar, major Antônio Fernan-  
des Dantas, hoje general do Exército,  
iniciou, os primeiros passos para levan-

tar o nível intelectual dos seus coman-  
dados. Começou aquêlo comandante com  
um pelotão de candidatos a sargentos,  
dentro do qual preparou para a nobre  
função policial os elementos recrutados



*Aspectos da solenidade de declaração de novos aspirantes da P.M. potiguar*

entre um grande número de cabos de esquadra de que se compunha o Regimento, então organizado por êle."

O orador passou em revista a criação de um curso de aperfeiçoamento de oficiais, um curso para sargentos, feito no Exército, onde se formaram os primeiros aspirantes da milícia, etc. tudo por iniciativa daquele comandante. E prosseguiu:

" A Escola de Officiais, não regulamentada pelo governo do Estado, continuou até os fins de 1936, quando o cel. Josué Justiniano Freire, que a êsse tempo exercia o comando entre nós, organizou um Curso para Officiais com melhores bases e que foi regulado pelo decreto n.º 238, de 18 de janeiro de 1937.

Em 1937, o cmt. André Fernandes de Sousa, criou mais os de cabos, sargentos e subtenentes, que ainda subsistem. Em 1944, funcionou um curso mais amplo e muitos milicianos cursaram a Escola de Aperfeiçoamento de Officiais da Polícia Militar do Distrito Federal. Em 1953 e 1955, dois outros cursos, nas mesmas bases dos anteriores.

— "Mesmo assim — prosseguiu — impunha-se uma transformação radical no ensino para que nos pudéssemos equiparar às demais congêneres dos grandes centros. Eis que após reiteradas tentativas nesse sentido, foi publicado o no-

vo regulamento, organizado por uma comissão de oficiais designada pelo comandante de então da Polícia Militar, tendo como fonte de consulta os mais modernos existentes, tanto em Escolas do Exército, como em estabelecimentos de ensino que funcionam em outras tropas".

Enalteceu a administração atual pelos progressos obtidos e continuou:

"Feito êste pequeno retrospecto, verdadeira síntese histórica dos nossos cursos, ocorre-me o dever de agradecer ao illustre governador Dinarte de Medeiros Mariz. Com as sinceras homenagens do mais respeitoso aprêço, aqui fica o nosso reconhecimento por haver dotado a nossa corporação dêste importante veículo de instrução e de cultura, que é o Curso de Formação de Officiais, colocando-nos em pé de igualdade com as nossas irmãs do país;

Ao sr. cel. comandante geral, José Reinaldo Cavalcanti, cujo nome foi escolhido para a turma de Aspirantes de 1959, pelo carinho, atenção, cavalheirismo, camaradagem e, acima de tudo, por impôr-se como chefe e guia dos jovens que hoje assistem, UFANOS, a sua vitória, a nossa eterna gratidão; aos mestres — professores e instrutores — que tudo fizeram para que colhêssemos ensinamentos de suma utilidade para nossa missão policial-militar, nosso mais vivo reconhecimento".

\* \* \*

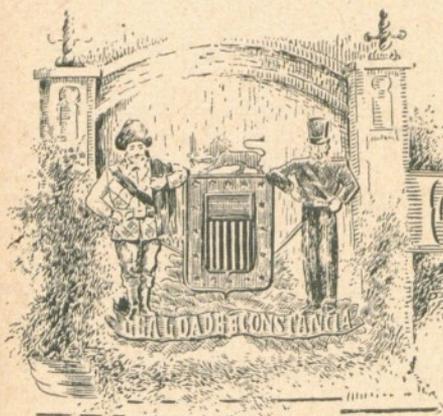


#### VICENTE PEREIRA DE QUEIRÓS

A família do extinto Vicente Pereira de Queirós (foto ao lado), sogro de nosso companheiro, sgt. Benedito Natalino Cintra, da 1.ª Cia. Ind. de Bombeiros, sediada em Santos, comunica o falecimento, ocorrido em 27 de agosto findo, em Ribeirão Preto, e agradece as manifestações de pesar recebidas.

## Destaque da

# FÔRÇA PÚBLICA



Alegrias e dôres assinalaram o bimestre na Fôrça Pública. Entre umas e outras, como sempre, o trabalho foi incessante. Em fins de agôsto, com a participação de milicianos de todo o Brasil, o II Congresso Brasileiro das Policias Militares, reunido em São Vicente, elaborou novo anteprojeto de lei básica, em substituição ao projeto que fôra apresentado na Câmara de Deputados, como resultante do I Congresso. Procuraram assim os policiais-militares do Brasil organizar-se de acôrdo com as exigências da época, para um trabalho mais racional em defesa da população. A par disso, os milicianos paulistas, como seus colegas de todo o país, continuam a desenvolver a luta cotidiana. A morte de mais dois bombeiros no cumprimento do dever foi parte do prego pago pelo trabalho. A alegria de que participaram nossos homens no recebimento da campeã mundial de tennis, cujo desembarque foram proteger, não bastou para apagar o luto. Nas comemorações do movimento de 1932, juntaram-se a alegria pelos feitos paulistas e a tristeza pelo sangue derramado.

### ECOS DO CONGRESSO

Repercutiu favoravelmente o II Congresso Brasileiro das Policias Militares, realizado em São Vicente de 21 a 25 de agôsto findo e ao qual dedicamos número especial de MILITIA, com ampla cobertura do conclave. A exemplo do que ocorreu no I Congresso, reunido em Campos do Jordão em 1934, o certame foi uma demonstração de solidariedade dos milicianos do Brasil em defesa do povo e obteve êxito supreendente. A participação de praças de pré — fato inédito no país — deu mais fôrça às resoluções tomadas.

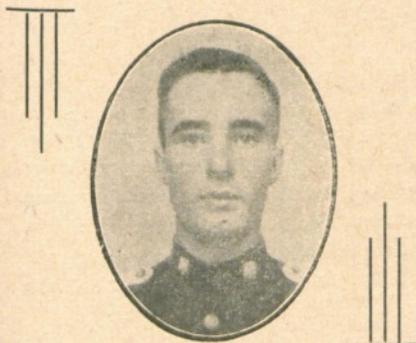
Os trabalhos realizaram-se logo depois de acontecimentos que levaram alguns observadores a prever um ambiente

agitado. Contudo, oficiais e praças das Policias Militares limitaram-se a cumprir a finalidade do Congresso, atuando dentro da disciplina já tradicional entre os milicianos. Como não podia deixar de ser, os aplausos da imprensa e do público foram gerais. E acha-se em mãos de um representante de São Paulo na Câmara Federal o anteprojeto que deve tornar-se a tão esperada lei básica das Policias Militares. O Congresso foi um dos fatos mais importantes de tôda a história da Fôrça Pública e das P.M. do Brasil.

### BOMBEIROS QUE TOMBARAM

Como se vê em reportagem publicada em outro local deste número, mais dois nomes vêm juntar-se ao rol dos homens

do fogo mortos em ação. Trata-se do sgt. José da Silva Leite, trágicamente desaparecido em acidente automobilístico, quando em serviço na via Anchieta e do sd. José de Oliveira, que tombou ao tentar libertar uma mulher presa em um apartamento. Seus colegas do Corpo e de toda a corporação prestaram-lhes as últimas homenagens.



ten. Mauro

Os que sucumbiram antes não foram esquecidos. Assim é que em Santos, em obediência a lei aprovada e sancionada recentemente, a Municipalidade fez inaugurar placa de uma avenida que recebeu o nome do ten. Mauro Batista de Miranda. O ten. Mauro como se sabe, faleceu em incêndio verificado na manhã de 19 de dezembro de 1957 nesta capital. Por ocasião da homenagem, na presença do ten. cel. Luís de Cicco, comandante do 6.º B.C. da Força Pública, sediado na vizinha cidade praiana, do prefeito municipal Sílvio Fernandes Lopes e outras autoridades civis e militares, o cap. Paulo Marques Pereira, comandante da 1.ª Cia. Independente de Bombeiros, proferiu uma oração em que traçou um esboço biográfico do homenageado.

#### DIA DO BOMBEIRO

Um programa festivo havia sido elaborado para comemorar o dia do bombeiro. Entretanto, a morte do sgt. José da Silva Leite impediu que fosse cumprido. Foram suspensos os festejos, res-

tringindo-se as comemorações aos seguintes atos, realizados no dia 2 de julho — data consagrada aos heróis do fogo:

As 7,30 horas — alvorada solene pelo Conjunto Musical da Força, na praça Clovis Bevilacqua, onde se localiza o quartel central do Corpo de Bombeiros. As 8 horas — leitura do boletim comemorativo e hasteamento da bandeira naquela unidade de nossa milícia. As 9 horas, missa solene na Capela de Santo Expedito, templo da Capelania Militar da Corporação.

#### BOMBEIROS PAULISTAS EM MINAS

Incêndio ocorrido em princípios de julho do corrente ano, no quartel do Regimento de Artilharia Montada, sediado em Pauso Alegre, no vizinho Estado de Minas Gerais, mobilizou bombeiros desta capital, que imediatamente acudiram ao pedido de socorro. A despeito da distância, nossos milicianos conseguiram chegar em tempo de isolar o pavilhão sinistrado, impedindo a propagação das chamas. Só a operação de rescaldo demandou um dia inteiro de trabalho, após o que os bombeiros paulistas regressaram a esta capital, para continuar seu trabalho diuturno.

#### DEPARTAMENTO DE ALISTAMENTO

Mais um órgão foi criado na Força: o Departamento de Alistamento, Seleção e Identificação (DASI), subordinado à Chefia do Estado Maior. Além de medidas referentes ao recrutamento, deve fazer a seleção psicotécnica dos candidatos ao ingresso na milícia e aos diversos quadros e cursos, bem como propôr e tomar medidas que visem melhorar o ajustamento do pessoal e sua identificação.

#### ELEIÇÕES

Como de hábito, o pleito de 4 de outubro próximo fará com que a Força Pública seja colocada à disposição da Justiça Eleitoral, desde o início da votação até o término da apuração. Calcula-se que além do serviço normal, de guardas, policiamento etc., 3 500 homens da corporação estarão a serviço exclusivos do T.R.E.

# o Brasil em dois meses



A despeito das anunciadas medidas de contenção do custo de vida, os preços continuam a subir, os gêneros alimentícios a faltar e nossos milicianos a esforçar-se para manter a ordem em meio às dificuldades do povo, que são também suas. Cresce o câmbio negro da carne e já se fala em importar feijão dos Estados Unidos o que provavelmente estará consumado quando o leitor ler estas linhas. Da mesma forma prossegue a luta pela emancipação econômica do país e mudam-se ministros e dirigentes de órgãos diversos. Enquanto isso, André Malraux, escritor que não gosta de política, visita o Brasil, na qualidade de político ligado ao gen. De Gaulle e membro de seu governo.

## CARNE: CÂMBIO NEGRO FEIJÃ: SÓ IMPORTADO

Desde o começo de julho do corrente ano, fala-se na crise da carne e espera-se um aumento no preço. Mas enquanto a COFAP e as COAPS mantêm o preço atual o consumidor já vai adquirindo o produto pelos preços futuros. Fora do câmbio negro, dificilmente se encontra carne.

O feijão, antigo alimento popular, começa a adquirir foros de mesa rica. Para mais valorizá-lo e diminuir nossa produção, estuda-se a importação de 5 000 toneladas dos Estados Unidos. Quando este número de MILITIA chegar às mãos do leitor, já haverá em sua mesa feijão estrangeiro... ou nada. Em meados de agosto findo, a COAP paulista conseguiu expropriar o feijão armazenado em uma companhia particular, a espera da alta, e decidiu colocá-lo no mercado. Mas o produto continua a faltar e continuará mesmo com a importação pretendida.

## COFAP, B.N.D.E. & MINISTÉRIOS

No desenrolar da crise, mudou o presidente da COFAP. O Cel. Fredreico Mindelo foi substituído pelo gen. João Ururai Magalhães. A intenção deste é usar de energia para erradicar o mal. Sabe-se que não recuará mesmo ante a intervenção nos frigoríficos. Já foram tomadas as primeiras medidas para uma possível requisição de gado e carne nos matadouros e frigoríficos.

Ao mesmo tempo, o sr. Lúcio Meira assume a presidência do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, em substituição ao sr. Roberto Campos, e novos ministros são nomeados: os srs. Horácio Lafer para a pasta das Relações Exteriores, Amaral Peixoto para a da Viação e Armando Falcão para a da Justiça.

## POLÍTICA EXTERIOR

Ao assumir o cargo, em 4 de agosto, o ministro Lafer afirmou: "Onde houver um cliente para o Brasil, lá estará o

Ministério das Relações Exteriores". Observadores apontam o novo chanceler como favorável ao reatamento de relações diplomáticas e comerciais com os países do leste europeu.

A propósito da Conferência de Santiago, o ministro Lafer ressaltou o papel da delegação brasileira, que afirma ter sido brilhante. Recordar-se que a Carta de Santiago, assinada na V Reunião de Consulta dos Ministros do Exterior, foi iniciativa da representação de nosso país.

#### EMANCIPAÇÃO ECONÔMICA

Causaram sensação as palavras do deputado José Joffily na Câmara Federal, denunciando remessa de lucros excessivos para o exterior, por parte de bancos estrangeiros estabelecidos entre nós. Assim é que com um capital de 605 milhões de cruzeiros, aquêles estabelecimentos acarretaram a evasão de 1,03 bilhão.

Grande parte dos bancos funciona no Estado de São Paulo onde, a par da luta

popular pela emancipação econômica interna. Estudo da Assessoria Técnico-Legislativa do Estado revela que a receita de São Paulo é de 65% do total da União, enquanto sua despesa equivale 7,2%.

Enquanto isso, grupos econômicos particulares preocupam-se com seus negócios. E progridem. Recentemente, o presidente Silez Zuazo concedeu a exploração do petróleo boliviano a um grupo brasileiro. Outros grupos preparam-se para segui-lo.

#### VISITANTE ILUSTRE

O visitante ilustre do bimestre foi o escritor André Malraux. Mas veio como encarregado dos assuntos culturais de seu país. O autor de "A Condição Humana" asseverou que não gosta de falar de política e pôs-se a falar dela. Elogiou De Gaulle e "demonstrou" os sentimentos democráticos do general com o fato de que êle — Malraux — está a seu lado.

⊙ PARA ORIENTAR BOMBEIROS PROFISSIONAIS  
NOS SERVIÇOS DE PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIOS

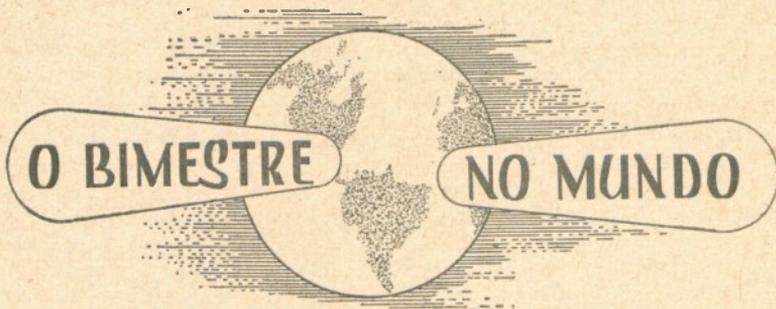
⊙ PARA ORIENTAR INDUSTRIAIS E COMERCIANTES  
NA FORMAÇÃO DE EQUIPES DE COMBATE A INCÊNDIOS

## MANUAL DE PREVENÇÃO E COMBATE DE INCÊNDIO

— DO 1.º TEN. ORLANDO SECCO —

ÚNICA OBRA EM PORTUGUÊS PARA OS MISTERES ACIMA

PEDIDOS AO AUTOR - QUARTEL GENERAL DA FÓRÇA PÚBLICA  
PRAÇA FERNANDO PRESTES, 115 — S. PAULO



Com mais um satélite artificial colocado em órbita e planos mais arrojados de conquista do espaço sideral, cientistas norte-americanos continuam a competir pacificamente com os soviéticos, que pretendem chegar em primeiro lugar à lua e aos planetas do sistema solar. Afasta-se cada vez mais a possibilidade de uma terceira conflagração mundial, mesmo porque ambos os grupos de países que se defrontam possuem armas nucleares capazes de aniquilar a humanidade. Entretanto, prosseguem as disputas e sucedem-se as conversações, nem sempre com resultados positivos. Há brigas isoladas nos mais diversos pontos do nosso planeta. A França, por sua vez, começa a realizar experiências atômicas, enquanto os representantes das outras potências procuram suspender aquelas provas. Da conferência de Genebra, nada de prático resultou. Na União Soviética, porém, o vice-presidente norte-americano, Richard Nixon, obteve êxito em suas conversações com Krustchev e outras autoridades da U.R.S.S.. Em Santiago, firmou-se a declaração aprovada pelos chaceleeres de Repúblicas americanas e, nos Estados Unidos, espera-se visita amistosa do "premier" vermelho, depois da ida do presidente Eisenhower à Europa. A esperança de paz é universal.

#### COMPETIÇÃO CIENTÍFICA PELO DOMÍNIO DO ESPAÇO

A luta pacífica entre cientistas de duas potências continua a desenrolar-se, em benefício da humanidade. Os norte-americanos, em 7 de agosto findo, con seguiram colocar na órbita, o "Explorer VI". Os soviéticos, que já abandonaram a fase das pequenas luas artificiais, voltam seus esforços para o satélite natural da terra, no que são seguidos pelos ianques. Já se fala em uma estação espacial supra nacional, a ser lançada, possivelmente do Brasil. Graças ao desenvolvimento da ciência astronáutica, as demonstrações bélicas ficam em segundo plano.

#### IANQUES NO VELHO MUNDO

Em agosto, o presidente dos Estados Unidos efetuou conversações em Bonn e Londres, com dirigentes dos governos alemão e britânico. O vice-presidente Nixon, por sua vez, visitou a União Soviética, onde inaugurou uma exposição de seu país e propôs maior intercâmbio entre as duas grandes potências. Foi recebido com entusiasmo, pelo governo e povo da U.R.S.S. Espera-se agora que o sr. Krustchev visite os Estados Unidos.

#### CONFERÊNCIAS INTERNACIONAIS

Genebra não resolveu os problemas da paz para os quais foi convocada a conferência dos chanceleres naquela cidade. Houve incidentes entre leste e oeste, bri-

gou-se por causa de Berlim e das provas nucleares e nada se fez.

Em Santiago do Chile reuniram-se os chanceleres das Repúblicas americanas, na V Reunião de Consulta dos Ministros do Exterior. O resultado obtido foi a aprovação da "Declaração de Santiago", proposta pelo Brasil. O secretário de Estado Herter manifestou sua satisfação pelo "êxito obtido", mas o governo cubano não se saísse com as medidas tomadas na capital chilena.

#### AINDA A AGITAÇÃO NA ARGENTINA

...O governo do presidente Frondizi continua difícil, em face da onda de agitação ocasionada por medidas que prejudicam o padrão de vida na vizinha República. Em fins de julho, rebelou-se parte da Armada argentina e, mais uma vez, foi exigida a renúncia do presidente. Buenos Aires continua agitada e é geral no país a inquietação. A despeito das prisões e da violência da repressão, a greves e quaisquer outros movimentos, o presidente Frondizi ainda não conseguiu estabelecer a calma em seu país.

#### CORRE SANGUE NO ORIENTE

No mar da China, ainda se travam batalhas entre forças navais da República Popular de Mao Tsé Tung e as de Chiang Kai Cheque, asilado em Formosa. Os nacionalistas, com o apoio dos Estados Unidos, que não reconhecem o governo continental da China, persistem em defender as ilhas Quemói e o sangue continua a correr.

Ao mesmo tempo, Neru protesta contra atitudes dos chineses junto à fronteira de Estados livres da região do Himalaia. Mas lá a luta é diplomática, sem derramamento de sangue.

No Laos, já não se dá o mesmo. A população, descontente com o regime, rebelou-se e o próprio rei, em dado momento, viu-se na contingência de passar o trono para seu herdeiro. A luta, porém não foi interrompida e os rebeldes põem trôno e reino em polvorosa. Na ONU debate-se a questão, o secretário de Estado norte-americano mostra-se preocupado e teme-se intervenção estrangeira. Mas a guerra civil continua.

#### NA AMÉRICA LATINA

Na América Latina, excetuando-se os incidentes provocados no governo Frondizi, toda a ação se concentra nos países da América Central. Em Cuba, depois de uma luta épica contra a ditadura, Fidel Castro firmou-se no poder. Houve protestos e aplausos, alegria de uns e decepção de outros, mas o fato é que o novo primeiro-ministro executa o plano previamente elaborado, em que o essencial é a reforma agrária. Descontentamento interno ocasionou a renúncia de Castro, que voltou ao poder, com a saída do presidente Urrutia.

No Haiti, porém, a situação não é tão segura. Luta-se nas montanhas do país antilhano e o governo, impotente para dominar a situação, acusa Cuba. Observadores internacionais vêem no fenômeno um reflexo do que ocorre em todos os regimes ditatoriais, cuja manutenção é cada vez mais difícil no mundo atual.



## Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO



— Direção do cap. Francisco Antonio Bianco Júnior —

## A Fôrça Pública em Chicago

Embarcaram para os Estados Unidos dois oficiais da Fôrça Pública do Estado de São Paulo — cap. Jorge Mesquita de Oliveira e ten. Horácio Bozon — a fim de representar o Brasil nos Jogos Pan-Americanos de Chicago. MILITIA fará ampla cobertura do certame, a ser divulgado no próximo número.

O cap. Mesquita, redator de MILITIA, é campeão brasileiro de tiro ao alvo e detentor de vários títulos obtidos naquele esporte. Já participou de numerosas competições nacionais e internacionais e, de suas viagens, publicou várias reportagens nas páginas desta revista. Por decisão da Federa-

ção Paulista de Tiro ao Alvo, foi indigado ao Departamento de Educação Física e Esportes do Estado como o melhor atirador do ano de 1958 (Ver n.º 78 de MILITIA — novembro-dezembro de 1958).

O ten. Bozon — outro campeão — é um az do hipismo, já muito conhecido nos círculos esportivos de São Paulo e vencedor de numerosas provas. Representa MILITIA no Regimento 9 de Julho da Fôrça Pública e sempre se dedicou a provas eqüestres. Moço ainda, já tem em seu ativo uma longa série de feitos nesse setor e muito fará ainda.

## Milicianos Paulistas Recebem a Campeã Mundial de Tenis

Maria Ester Bueno, campeã mundial de tenis, representante do Brasil que quebrou um tabu em Wimbledon, conquistando para um país sul-americano, pela primeira vez na historia, aquêlê título, foi recebida em festas

pelos paulistanos. Entre estes, como sempre acontece, estavam os milicianos da Fôrça Pública, para protegê-la e aos que foram aplaudi-la.

Desde seu desembarque no aeroporto, a jovem campeã contou com o

trabalho de nossos homens. A população em delírio acompanhou o cortejo pelas ruas da cidade. Em cada canto uma pequena multidão esperava Maria Ester, para vê-la e ovacioná-la. E em cada canto estava também a Fôrça Pública, na pessoa de seus componentes, para permitir ao povo aquela manifestação espontânea.

### IMPACIÊNCIA

O aparelho que conduzia a campeã chegou a São Paulo com várias horas de atraso. Ao escalar em Salvador, sofreu uma pane e Maria Ester precisou passar para outro avião. Na capital da República, o chefe da nação esperava-a para oferecer-lhe um jantar no Palácio das Laranjeiras. A viagem, porém, sofreu vários incidentes que retardaram a chegada. O próprio presidente da República precisou cancelar um compromisso em Brasília, em vista dos contratempos. Houve trocas de avião, esperas imprevistas, idas e vindas de jornalistas, autoridades etc. e,

afinal, o próprio avião presidencial que deveria transportá-la do Rio de Janeiro, foi substituído por um aparelho de uma companhia comercial. Tudo isso provocou a impaciência dos que a esperavam em São Paulo.

Tenistas de ambos os sexos e tôdas as idades aguardaram no Aeroporto de Congonhas, durante tôda a tarde, juntamente com autoridades, esportistas diversos e populares. Muitos tiveram que retirar-se antes da chegada. As informações chegadas a todo instante eram contraditórias. Afinal, nada de concreto se sabia. Nem ao menos se ela chegaria naquela noite. E os milicianos da Fôrça Pública lá permaneceram até o fim, como de resto aconteceu com a grande maioria dos que a aguardavam. Finalmente, chegou a esperada campeã, depois das 21 horas. O cansaço do povo que esperava impacientemente desapareceu e os milicianos tiveram que redobrar seus esforços, para garantir aquela manifestação popular.

---

## Hipismo (adestramento)

Cap. Sílvio Marcondes Resende

Campeão Paulista de 59

Mais um título foi conquistado para a Fôrça Pública: o de campeão paulista de adestramento, obtido pelo cap. Sílvio Marcondes Resende, no IV cam-

peonato daquela modalidade esportiva, encerrada em 20 de setembro último, no Clube Hipico de Santo Amaro, na capital bandeirante.



Cap. Sílvio montando «Sereia»

Pilotando "Sereia", aquêlê oficial do Regimento "9 de Julho" enfrentou três valorosos adversários. Outros dois desistiram no último instante. A imprensa especializada teceu comentários elogiosos à atuação de nosso representante. A amazona Dorothy Mac Farland, do Clube Hípico, foi a vice-cam-

peã. Outros concorrentes foram os cavaleiros Cacildo dos Santos (campeão de 1958) e Patrício Vargas.

#### *As proezas do Campeão*

A reprise do campeão impressionou bem desde o princípio. Já na entrada a galope o cap. Sílvio demonstrou o perfeito contrôle da montada. As evoluções que se seguiram arrancaram aplausos dos presentes, pelo elevado grau de perfeição no adestramento. O "apoiar", de que reproduzimos uma fase no clichê da página seguinte foi uma das manobras que mais chamaram a atenção do público.

No alongamento do trote, no passo alongado, na pirueta — em todos os movimentos — o jur. esteve atento à menor falha, que poderia roubar-lhe o título. Tudo, porém, foi feito com segurança. Habilmente conduzida, "Sereia" fez alto, recuar, avançar, ziguezague, "piaffer", passagem etc.

Um "piaffer" irregular, com precipitação, poderia estragar tôda a prova. A pirueta não pode ser grande de mais, o que é difícil a galope. As manobras de pé exigem tôda a atenção e perícia, para não haver êrro na contagem. Os adversários do cap. Sílvio eram exímios cavaleiros, o que requereu todos os esforços de nosso representante. Contudo, sua reprise desenvolveu-se a contento, superando a dos outros competidores.



Na execução da reprise: apoiar

*Dirigentes do concurso*

O sr. Celso Correia Dias, presidente da Federação Paulista de Hipismo, presidiu o concurso, que teve como diretores os srs. Sigismondo Brentano e Herculano Ferreira. Juri de Apelação: gen. Altair Franco Ferreira, chefe do E.M. do II Exército; cel. Paulo da

Cruz Mariano, comandante do Reg. "9 de Julho"; sr. Rodolfo Raul Lara Campos, presidente do Clube Hípico; sr. Jaime Loureiro Filho, presidente da Sociedade Hípica Paulista. Júri técnico: cl. João Franco Pontes (presidente), major Raul Carnaúba e caps. Felix de Barros Morgado e Roberto Ondino.

. \* \* \*

No próximo número: completa cobertura dos jogos Pan-Americanos de Chicago, de que participaram dois milicianos da Fôrça Pública.

## NOSSOS CORRESPONDENTES

- BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros):** Dirección General de Policía, La Paz — cap. Saul Herbas Casanovas.
- CHILE (Cuerpo de Carabineros):** Prefectura General, Valparaiso — cap. Franklin Troncoso Bachler; IV Zona de Carabineros, Concepción — cap. Moisés Suty Castro; San Bernardo — cap. Efraim de la Fuente Gonzalez.
- ACRE (Guarda Territorial):** Q.G., Rio Branco — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque.
- ALAGOAS (Policia Militar):** Q.G., Maceió — cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho; Destacamento Policial, São Braz — sgt. José Pereira da Silva.
- AMAPA (Guarda Territorial):** Sede, Macapá — ten. Uladih Charone.
- BAHIA (Policia Militar):** Palácio da Aclamação — major Edson Franklin de Queirós; 2.º B.C., Ilhéus — cap. Horton Pereira de Olinda; 3.º B.C., Juazeiro — cap. Salatiel Pereira de Queirós, Corpo Municipal de Bombeiros, Salvador — cap. Álvaro Albano de Oliveira.
- CEARÁ (Policia Militar):** B.I., Fortaleza — major José Delídio Pereira.
- DISTRITO FEDERAL (Policia Militar):** Q.G., ten. Luiz Alberto de Souza, R.C. — ten. Hernani Alves de Brito; 6.º B.I. — ten. Enio Nascimento dos Reis, C.B. — ten. Fernando Carlos Machado.
- ESPIRITO SANTO (Policia Militar):** Q.G., Vitória — ten. João N. dos Reis
- GOIÁS (Policia Militar):** Q.G., Goiânia — cap. Antônio Bonfim dos Santos; 2.º B.C., Goiás — ten. Rui Barbosa de Moura.
- MARANHAO (Fôrça Policial):** Q.G., São Luiz — cap. Eurípedes B. Bezerra.
- MATO GROSSO (Policia Militar):** Comando Geral e 1.º B.C., Cuiabá — asp. Per-núfio da Costa Leite Filho, 2.º B.C., Campo Grande — ten. Edgard A. de Figueiredo; 2.ª Cia. do 2.º B.C., Ponta Porã — sgt. Francisco Romeiro.
- MINAS GERAIS (Policia Militar):** Q.G., Belo Horizonte — ten. Carlos Augusto da Costa; 3.º B.I., Diamantina — ten. Geraldo Francisco Marques; 7.º B.I., Bom Despacho — cap. José Guilherme Ferreira; 8.º B.I., Lavras — ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro; 9.º B.I., Barbacena — ten. Manoel Tavares Corrêa.
- PARA (Policia Militar):** Q.G., Belém — major dr. Valter da Silva.

- PARAÍBA (Polícia Militar): Q.G., João Pessoa — ten. Luís Ferreira de Barros.
- PARANÁ (Polícia Militar): Q.G., Curitiba — ten. Eosni de Sena Maria Sobrinho.
- FERNAMBUCO (Polícia Militar): Quartel do Derby, Recife — major Olinto de Souza Ferraz.
- PIAUI (Polícia Militar): Q.G., Teresina — ten. Elesbão Soares.
- RIO DE JANEIRO (Polícia Militar): Q.G., Niterói — cap. Ademar Guilherme.
- RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar): Q.G., Natal — ten. José G. Amorim.
- RIO GRANDDE DO SUL (Brigada Militar): Q.G., Pôrto Alegre — ten. João Aldo Danesi; 2.o R.C., Livramento — cap. Carlos Cravo Rodrigues.
- SANTA CATARINA (Polícia Militar): 3.a Cia. Isolada, Canoinhas — ten. Edgard C. Pereira.
- SÃO PAULO (Fôrça Pública): Q.G. — ten. José Fernandes; C.F.A. — ten. Valdomiro de Abreu; R.C. — tens. Horácio Bozon e Carlos Aderbal Lorenz; B.G. — ten. Nivaldo Antônio Trevisan; C.B. — ten. Luís Augusto Savioli e asp. Joel Avoletta; 1.o B.C., Araraquara — asp. Waldomiro Christiano; 2.o B.C. — ten. João de Oliveira Leite; 3.o B.C., Ribeirão Preto — tens. Nelson Homem de Melo, Clovis Carvalho Azevedo (1.a Cia. — Barretos) e Plínio Vaz (2.a Cia. — Casa Branca); 4.o B.C., Bauru — tens. Aparecido do Amaral Gurgel e Paulo Rodrigues (2.a Cia. — Araçatuba) e asps. Achilles Gra-veiro (1.a Cia. — Marília) e João Angelo Machado Lima (4.a Cia. — Jaú); 5.o B.C., Taubaté — ten. Emerio Benedito Monteiro; 6.o B.C., Santos — cap. Gilberto Tuiuti Vilanova; 7.o B.C., Sorocaba — ten. Antônio Carlos Martins Fernandes; 8.o B.C., Campinas — ten. Evandro Martins (Piracicaba) e asp. Ivo de Camargo Varbas; 1.o B.I. — cap. Ari José Mercadante; 2.o B.I. — ten. Jatir de Souza; 3.o B.I. — ten. Franciseo Rodrigues; S.I. — ten. Alvaro Pielusch Altmann; S. Subs — ten. An-tônio Meneghetti; E.E.F. — cap. Francisco Antônio Bianco Jr; S.T.M. — ten. José Varela; S.S. — ten. João Cardoso; C.M. — Subten. José Romeu, S.F. — ten. Jonas Simões Machado; 3.a Cia. Ind., Presidente Prudente — cap. Domingos de Melo; 1.a C.I.B., Santos — cap. Paulo Marques Pereira; C.P.R. — ten. Flávio Capeletti; C.P.F. — ten. Mário Rodrigues Montemor.
- SERGIPE (Polícia Militar): Q.G., Aracaju — cap. Renato de Freitas Brandão.

# PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7
8							
9		+					
10			+			+	
11		+			+		
12							
13			+			+	
14		+			+		
15						+	
16							

## HORIZONTAIS

8 — Todos querem saber antes de comprar as pules; 9 — Constelação austral; 10 — O górdio só Alexandre conseguiu desatar; campeão; 11 — Existes; antes do meio dia; 12 — Vive solitário (fem.); 13 — Se fosse em alemão queira dizer "sim"; aprende; 14 — Não é aqui, nem ali; duas vèzes; 15 — Relativo a uma região da Grécia (fem.); 16 — Covil de onça (pl.).

## VERTICAIS

1 — A elas se deve a grandeza territorial do Brasil; 2 — Nascia para todos os egipcios; animal pouco limpo; 3 — Letra grega; preposição de lugar; oasis do Saara Central; 4 — Brasileiro; 5 — Gritos de dôr; nome de uma régua; Antes de Cristo; 6 — Nota musical; contração; 7 — Irregularidade (pl.).

## SOLUÇÕES DO NÚMERO 81

*Horizontais:* — Mormon — Coruja — Ireis — Rimam — Lama — Pão — Meda — Iça — Mente — Des — Tudo — São — Reis — Ilota — Ficta — Aortas — Casear.

*Verticais:* — MILITIA — Oráculo — Remador — Mia — Ott — Os — Aa — Pês — Fanal — Oto — Or — Fã — Rim — Ris — Umedece — Jadeita — Amassar.



NOSSA CAPA  
 Monumento  
 ao soldado  
 constitucionalista

Araraquara